



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BRUNA SILVA ARAÚJO

EXPERIÊNCIAS E *PERFORMANCES*: O CIRCUITO DE JOVENS HOMOSSEXUAIS
NA CIDADE DE SOBRAL/CE

FORTALEZA/REDENÇÃO

2019

BRUNA SILVA ARAÚJO

EXPERIÊNCIAS E *PERFORMANCES*: O CIRCUITO DE JOVENS HOMOSSEXUAIS NA
CIDADE DE SOBRAL/CE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lea Carvalho Rodrigues

FORTALEZA/REDENÇÃO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A687e Araújo, Bruna Silva.
Experiências e performances: o circuito de jovens homossexuais na cidade de Sobral-CE / Bruna Silva Araújo. – 2019.
105 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profa. Dra. Lea Carvalho Rodrigues.

1. Cidade. 2. Homossexualidade. 3. Drag Queen. 4. Conflito. 5. Sociabilidade. I. Título.

CDD 301

BRUNA SILVA ARAÚJO

EXPERIÊNCIAS E *PERFORMANCES*: O CIRCUITO DE JOVENS HOMOSSEXUAIS NA
CIDADE DE SOBRAL/CE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Aprovada em: 09/12/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a: Dr.^a Lea Carvalho Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.: Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Marina Leitão Mesquita
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA)

Aos meus interlocutores e às minhas interlocutoras, que tornaram esta pesquisa possível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus interlocutores e às minhas interlocutoras que estiveram sempre com sorrisos receptivos e carinhosos, dispostos a contribuir com esta pesquisa; que fizeram das situações difíceis da estada em campo momentos de força e leveza na condução desse processo solitário que é a construção da dissertação. Agradeço também pela confiança estabelecida nas entrevistas e pela partilha de suas experiências.

Aos meus pais, Sebastião e Sandra, que não hesitaram em estar ao meu lado durante os anos de mestrado, apoiando incondicionalmente minhas escolhas em meio às diversas dificuldades desse período.

Aos meus tios Neida e Francisco, que me acolheram como filha em Fortaleza; a minhas primas Thais, Amanda e Iara, que se tornaram irmãs e me proporcionaram um cotidiano repleto de brincadeiras, gargalhadas e afetos.

A minha irmã Priscila pela convivência, pela parceria diária, pelo carinho e pela força.

Aos meus queridos avós paternos, pelo amor doce e verdadeiro e pelo aprendizado diário.

Aos amigos Mateus Sousa e Raul Alves pelo carinho partilhado cotidianamente, pela presença mesmo em meio à distância física.

Às amigas queridas que me acolheram no período de campo em Sobral: Joana Darc, Diana Sampaio e Dedita Ferreira. Agradeço também a minha grande amiga Maiara Maria, pelo carinho e pela ajuda a mim direcionados.

À professora Lea Rodrigues, minha orientadora, pela contribuição fundamental na minha formação ao longo dos anos de mestrado. Agradeço pela orientação dedicada, humana e firme durante todo o processo de pesquisa.

Agradeço à primeira turma de Mestrado Associado em Antropologia UFC/UNILAB, em especial aos queridos(as) amigos(as): Peti Mama, Flávia Oliveira e Rafael Mesquita, que me proporcionaram momentos de leveza e gargalhadas pelos corredores do CH3 e pelo Benfica.

Agradeço ao querido professor Martinho Tota pelas valiosas contribuições dadas na qualificação e defesa, assim como toda disponibilidade ofertada.

Ao professor Marcelo Natividade pela participação na banca de qualificação e pelas diversas orientações que foram importantes para o andamento da pesquisa.

À professora Marina Mesquita pelas orientações no período final da graduação; pela disponibilidade e pelas contribuições na defesa da dissertação.

Agradeço aos professores do período de graduação que foram de extrema importância em minha formação acadêmica: Nilson Almino, Diocleide Lima, Rosângela Pimenta, Jorge Luan e Daniele Silva.

Por fim, expresso imensa gratidão a todos(as) que contribuíram de forma direta e indireta para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado busca compreender a sociabilidade de jovens homossexuais e *drag queens*, com o propósito de entender como os percursos noturnos constroem modos e espaços de socialização homossexual na cidade de Sobral, localizada na região Norte do Estado do Ceará. O objetivo principal recai em entender sob que circunstâncias o circuito homossexual é possível, lidando com a condição de uma cidade que transita entre a possibilidade de maior liberdade e a moralidade/discriminação para aqueles(as) que não se enquadram nas normas da heteronormatividade. Por meio da reflexão de conflitos existentes nos espaços de sociabilidade e das narrativas de interlocutores, discuto espaços públicos simbólicos para a cidade de Sobral, como o Arco do Triunfo e a Margem Esquerda do Rio Acaraú; como também bares LGBTTs localizados no entorno do Arco do Triunfo. A cidade passa a ser pensada como recorte interessante para observar como ela legisla sobre a pluralidade, refletindo sobre como a liberdade é construída na cidade. Entre experiências, *performances* e conflitos, interpreto de que forma é construído o circuito *gay* naquela cidade.

Palavras-chave: Cidade. Homossexualidade. *Drag Queen*. Conflito. Sociabilidade.

ABSTRACT

This master's dissertation aims to understand the safety of homosexual young people and drag queens, with the purpose of understanding how the nocturnal pathways build ways and spaces of homosexual socialization in the city of Sobral, located in the northern region of Ceará State. The main objective is to understand how circumstances or the homosexual circuit is possible with a city condition that is among the possibility of greater freedom and morality / discrimination for those who do not fit the norms of heteronormativity. Through the reflection of conflicts in sociability spaces and interlocutors' narratives, I discuss symbolic public spaces for the city of Sobral, such as the Arc de Triomphe and the Left Bank of the Acaraú River; as well as LGBTTT's bars located around the Arc de Triomphe. The city is now thought of as an interesting clipping to observe as the same legislation on plurality; reflecting on how freedom is built in the city. Between experiences, performances and conflicts I interpret how the gay circuit is built.

Keywords: City. Homosexuality. Drag queen. Conflict. Sociability.

LISTA DE IMAGENS

Imagem n° 1 – Mapa especializando os usos trabalhados.....	26
Imagem n° 2 – Publicação retirada da rede social Facebook.	30
Imagem n° 3 – Fotografia de Jovens e <i>Drag Queens</i> publicada em rede social	31
Imagem n° 4 – Ato na cidade de Sobral	32
Imagem n° 5 – Jovem militante homossexual.....	33
Imagem n° 6 – Intervenção Artística.....	48
Imagem n° 7 – Visão da Ruazinha entre o monumento do Arco do Triunfo.....	68
Imagem n° 8 – Jovens dançando no Donna C.....	75
Imagem n° 9 – Momento de interação a partir do diálogo	76
Imagem n° 10 – Garçom portando bebida alcoólica	77
Imagem n° 11 – <i>Performance</i> da deejay Juny Salen.....	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Av.	Avenida
CED	Coordenadoria de Formação Docente e Educação a Distância
Dr.	Doutor
ECOA	Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Arte
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGBTT	Lésbicas, <i>Gays</i> , Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
OAB-CE	Ordem dos Advogados do Estado do Ceará
UEVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
VLT	Veículo Leve sobre Trilhos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Apresentação da Pesquisa.....	12
1.2	Localizando Sobral.....	15
1.3	Em campo.....	18
2	USOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS PELOS HOMOSSEXUAIS.....	27
2.1	Uma cena entre a cidade e o ciberespaço	27
2.2	“Depois das dez”: Resignificando o Arco do Triunfo	35
2.3	A Margem Esquerda do Rio Acaraú e a “Vinholada”	46
3	MEMÓRIAS NOS BARES: SPETTUS E BAR DA KAL.....	50
3.1	O Bar da Kal e as vivências de Matheus	50
3.2	Bar da Kal e Spettus: temporalidades diferentes e entorno do Arco do Triunfo	56
3.3	Spettus/Sapatos e o período de transição	62
4	EXPERIÊNCIAS E <i>PERFORMANCES</i> NO DONNA C BAR	66
4.1	Donna C [novo] bar <i>gay</i> de Sobral.....	66
4.2	“Ruazinha” e importância da estrutura física do Bar	67
4.3	Vivências da homossexualidade no Donna C.....	73
4.4	<i>Performances</i> das <i>deejays drag queens</i>	79
4.5	Exposição Fotográfica festa tôLoukah	87
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	98
	ANEXOS.....	101

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação da Pesquisa

Este texto apresenta resultados da pesquisa que realizei sobre a sociabilidade de jovens homossexuais e *drag queens*, interessada em entender como esse processo constrói formas e espaços de socialização homossexual na cidade de Sobral. A cidade é localizada no interior do estado do Ceará e tem cerca de 203.608 habitantes¹. É uma cidade conhecida por receber diversos estudantes distribuídos em universidades públicas² e privadas³, tornando-a cidade referência da região Norte do estado para quem busca não só formação em nível superior, como também educação básica.

De acordo com Freitag (2000), as cidades desenvolvem um modelo de interação cultural própria “a partir das potencialidades implícitas em cada uma dessas adições importadas para o novo território, combinando-as com a moderna tecnologia e traduzindo velhas falas em linguagens novas” (p. 44-45).

Sobral, dessa forma, passa a ser espaço da constituição de uma nova forma de associação entre os sujeitos, marcada por fortes influências dos municípios que a circundam, mas que (re)construirão modelos de significação a partir de suas percepções anteriores e experiências nesse novo espaço de vida. A influência das cidades que a circundam se dá, sobretudo, devido ao acentuado número de estudantes universitários que estabelecem relação com a cidade. Há um grande número de universitários que residem na cidade, além daqueles(as) que estabelecem vínculos com Sobral por meio de atividades acadêmicas. Desta forma, Sobral caracteriza-se pelo movimento diário de estudantes que se mudam para a cidade, instalando-se, em sua grande maioria, em repúblicas estudantis. Outros utilizam transporte diário (ônibus universitários) e deslocam-se, todos os dias, de suas cidades às universidades existentes em Sobral.

¹ População total nos anos 2000: 155.744; 2010: 188.223. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/sobral_ce e <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=231290>

² Universidade Federal do Ceará-UFC, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia-IFCE; Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA;

³ Segundo informações *on-line*, o avanço da cidade está relacionado com a implantação de indústrias e: “um vigoroso sistema educacional”. Disponível em: <http://www.sobral.ce.gov.br/a-cidade/historia>.

A pesquisa não tem como recorte a condição de estudante universitário, contudo, faz-se necessário realçar a acentuada demanda de universitários, pois parte de meus interlocutores são acadêmicos. Outro motivo interessante é a organização das festas, cuja agenda funciona de acordo com a estada de estudantes na cidade.

Minha aproximação com estudantes universitários se dá devido à pesquisa monográfica em que me dediquei à discussão da “saída do armário” na Universidade em que realizei a pesquisa e me formei (Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA). Nessa monografia, discuti desde a mudança dos estudantes da cidade natal para Sobral até as vivências na Universidade (ARAÚJO, 2017).

Na presente pesquisa, vou me valer de autores como Magnani (2000), o qual formula a noção de circuito como forma de se perceber o movimento de sociabilidades no meio urbano por meio da comunicação e do trânsito de pessoas por lugares espacialmente distintos, com laços e interesses recíprocos. Nesse caso, o circuito não está relacionado à vizinhança ou às relações pautadas na familiaridade, e, sim, à possibilidade de um serviço ou determinadas alternativas que permitem relações sociais diversas. Esses lugares podem ser reconhecidos como ponto de apoio a tais atividades, não se revelando como forma geográfica fechada; ou seja, o circuito não se constitui como fixo ou estável, pelo contrário, faz-se e se refaz de acordo com as demandas de quem o compõe. Em meio a tais formas, estabelecem-se maneiras simbólicas de trocas. Assim, o circuito se torna categoria que permite uma relação de troca e novos encontros numa dimensão mais diversificada da cidade, incorporando, desse modo, particularidades.

Em Sobral, o local conhecido como Bar LGBTT, na tentativa de mudar e atingir um novo público, modifica a estrutura física. Como consequência disso, há mudanças no circuito para o mais recente bar LGBTT da cidade. Assim, o bar Donna C tornou-se local de encontro daqueles(as) que não reconheciam mais o antigo espaço, o bar Spettus, como lugar de sociabilidade *gay*. Vale destacar que o Spettus era conhecido na cidade como Sapatos, numa referência específica a mulheres sapatatas/sapatão. É perceptível a mudança que Donna C sofreu ao perceber o novo público. Atualmente, parte considerável da programação do bar mudou e a estrutura física seguiu as mudanças.

Percebendo a problemática levantada, a cidade passa a ser pensada como recorte importante para se refletir como ela legisla sobre a condição sexual e identidade de gênero⁴, como o espaço delimitado de aceitação abre uma interessante crítica acerca da liberdade *a priori* propagada sobre a cidade.

A pesquisa aborda as experiências de jovens homossexuais e *drag queens*. Observando que as categorias guardam imensa diversidade, a dissertação realça as diferenças a partir das narrativas e vivências na cidade. Rodas de conversa, *shows*, bares e eventos compõem o recorte da pesquisa, como também lugares simbólicos na história de Sobral como o Arco do Triunfo e a Margem Esquerda do rio Acaraú, lugares frequentemente ocupados por esses(as) jovens. As *deejays drag queens* aparecem pela relação que desenvolvem com o público dos bares trabalhados e pela sua importância e visibilidade nesses espaços. Valendo-me da perspectiva de Kofes (1994), considero que as narrativas são conversas que presumem o outro.

Assim, compartilho a perspectiva de França (2010) e destaco que o recorte está situado na análise de “lugares-chave” alinhados às narrativas de meus/minhas interlocutores(as) a respeito desses espaços de sociabilidade. Nesta ótica, esses espaços e os caminhos transitáveis pela cidade tornam-se fundamentais à medida que “os sujeitos os constituem e são constituídos por eles” (FRANÇA, 2010, p 5).

O propósito desta dissertação recai, sobretudo, em pensar os espaços de sociabilidade, compreendendo, como mencionado anteriormente, a cidade e seus espaços públicos e/ou privados, como os bares aqui trabalhados. Observando a cidade e seus caminhos, faz-se importante, a partir de França (2010), observar, no contexto em que considero os bares como espaços de sociabilidade, que estes desempenham práticas diferenciadas nas quais a ideia de consumo não está relacionada (somente) à compra de bebidas alcoólicas, compra de pulseiras de acesso ou qualquer outro objeto de venda nesses espaços. O consumo está relacionado também aos seus referenciais expressos nas músicas, nas apresentações corporais, dentre outras formas.

França (2010) observa ainda que, ao se valer da expressão “noite *gay*”, não há referência à totalidade, mas sim à escolha de usar uma categoria êmica para pensar, a partir das

⁴ Se as identidades de gênero são construídas, é importante ressaltar que estas se constroem a partir da imagem, como destaca Butler. Isso, conseqüentemente, segundo a autora, desperta que tal construção seria também conseqüência da linguagem. Ao contrário do que muitas vezes sobre gênero é propagado, a linguagem não atua como molde das identidades de gênero, mas, tendo em vista que tais sujeitos estão culturalmente inseridos, as identidades são, sobretudo, conseqüência de um discurso. (SALIH, 2015).

narrativas dos interlocutores(as), sobre os locais de lazer e sociabilidades que se referem à homossexualidade, bem como suas experiências nesses lugares.

1.2 Localizando Sobral

Este tópico faz-se importante para problematizar determinados espaços de Sobral com forte carga simbólica para a cidade, principalmente, espaços como o Arco do Triunfo e a Margem Esquerda do rio Acaraú. Desse modo, é possível compreender em que sentido se construiu e foi alimentada a percepção de Sobral como cidade “moderna” e “nobre⁵”. Assim, discuto apenas a história e criação destes espaços emblemáticos para o(a) morador(a) Sobralense e seus/suas visitantes.

É interessante observar, a partir de Freitas (2005), que Sobral, no ano de 1997, através de um movimento político, iniciava a tentativa de seu tombamento. É importante frisar que toda articulação em prol do tombamento partiu do grupo que apoiava na época o prefeito recém-eleito Cid Gomes⁶, em 1996. Desta forma, não foi a partir do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) que se iniciaram as articulações para o tombamento, que ocorreu em 1999. A cidade, então, tornou-se pioneira no Estado, o que, conseqüentemente, veio a alimentar ufanismos.

Freitas (2010) destaca que este processo de tombamento promoveu na cidade um processo intitulado como “revitalização”, ou seja, fora planejado um novo sítio histórico com o propósito de torná-lo destaque e proporcionar a ideia de “resgate” da tradição local.

Neste período, o poder público iniciou diversas obras, sobretudo pensando a estética e estrutura em tal espaço, causando reações diversas em seus moradores. Assim, era necessário que o morador se adaptasse às mudanças e, conseqüentemente, mudasse as vivências cotidianas nos novos espaços. As inaugurações em tais espaços aconteciam com grandes *shows* de artistas locais, como também nacionais e internacionais. A imagem que a administração pública local buscava firmar procurava aliar a figura do prefeito Cid Gomes à ideia de poder público que se preocupava e preservava a tradição local, sendo, ao mesmo tempo, moderno. Obviamente, para além das questões de “preservação” e “modernização”, buscava-se também, por meio de tais

⁵ Vide (Freitas, 2010).

⁶ Mandato: 1997-2000 e 2001-2004.

ideias e ações, firmar no município uma facção política que teve sucessor no ano de 2004, com propostas de seguimento da administração anterior⁷ (Freitas, 2010). As ações fundamentadas na perspectiva de “resgate”, “restauração” e “revitalização”, como observa Freitas (2010), estão relacionadas com a monumentalização, e estas evidenciam os elementos que a cidade buscava para ser reconhecida como tradicional, na mesma medida em que as reformas citadas anteriormente atuavam como modernização imediata do urbano.

Desta forma, os espaços urbanos que carregam grande simbolismo para a cidade, devido a sua história, brevemente discutida neste tópico, serão pensados nesta dissertação como espaços que formam parte do circuito homossexual de Sobral. É interessante entender como tais espaços foram construídos e com qual finalidade. O primeiro deles é o Boulevard do Arco, e, como observa Ferreira (2010), uma das obras⁸ mencionadas anteriormente, o largo fora construído ao redor do Arco de Nossa Senhora de Fátima, imagem católica fixada em cima do Arco devido à peregrinação da santa católica pela cidade no ano de 1954. Como observa a autora, o espaço é (também) tomado por adolescentes de classes sociais diversas que o ressignificam socialmente. O entorno do Boulevard também sofreu mudanças a partir de novos empreendimentos comerciais como bares e restaurantes, inclusive os bares discutidos no segundo capítulo localizavam-se ou localizam-se nesse entorno.

A Margem Esquerda do Rio Acaraú, segundo espaço de Sobral pertencente às obras citadas, será também trabalhado nesta dissertação. Como descreve Ferreira (2010), ela possui três quilômetros de extensão, ao longo do qual se localizam casas e igrejas tombadas pelo IPHAN, a biblioteca pública, o museu Madi de Arte Contemporânea, a Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Arte (ECO) e o restaurante popular. O espaço possui quadras de esporte, ciclovias, calçadas para passeio e extenso gramado próximo ao espelho D’água do rio Acaraú. No local há também um anfiteatro onde ocorrem apresentações artísticas e festas que, segundo meus interlocutores, são espaços de socialização homossexual e aos quais dedicarei maior atenção. Concordo ainda com Ferreira (2010) que observa Sobral não só como uma cidade fortemente

⁷ Leônidas Cristino. Mandato: 2005-2008 e 2009-2010 (renunciou). Assume o vice-prefeito Clodoveu de Arruda 2011-2012 e 2013-2016 (reeleito).

⁸ Ferreira (2010) destaca que a obra referente ao Arco de Nossa Senhora de Fátima, também conhecido popularmente como Arco do Triunfo, demandou mais tempo para sua inauguração devido à grande estrutura da obra, foram necessárias mudanças em todo espaço no qual está localizado, provocando opiniões muitas vezes divergentes em seus moradores.

pensada pelo poder público local, especificamente a partir da gestão do ex-prefeito Cid Gomes, mas também como uma cidade reinventada a partir de seus/suas moradores(as).

As referências à cidade, como mencionado anteriormente, refletem não só parte da história de Sobral, como também a tentativa do poder local em promover um “resgate da tradição”, aliada à ideia de “modernidade”, aqui já mencionada. Hoje, nas narrativas dos(as) jovens interlocutores(as) desta pesquisa, é comum ouvir que a cidade é uma espécie de “polo” para a região Norte do Estado. É certo que Sobral tem grande influência para a região, pensando, principalmente, que a cidade recebe demanda alta de estudantes universitários⁹ oriundos das cidades que a circundam. Por isto, é comum que estes se refiram à cidade como “polo”, tendo em vista que estes(as) saem de seus municípios para buscar mais oportunidades com relação à educação de nível básico e superior.

A pesquisa foi pensada para contemplar o público homossexual e as *drag queens* que frequentam esses espaços, sem outro recorte empírico, mas é interessante notar que parte considerável das pessoas que fazem parte desta dissertação não são sobralenses, e sim são estudantes universitários de outras localidades. É a partir desta condição diversa e da relação, por vezes, passageira com a cidade que penso o circuito como categoria analítica que me permitirá compreender as andanças, experiências e narrativas dos(as) jovens que caracterizam e constroem o circuito homossexual, realçando a diversidade em Sobral. É importante ressaltar também que, apesar de trabalhar com um grupo específico, esses espaços de sociabilidade são permeados por imensa diversidade de sujeitos, a estes me refiro como espaços LGBTT’s.

Entre o espaço e a ação, são estruturados diversos significados pelas pessoas. Os habitantes transitam e encontram-se nos espaços da cidade. Nesses espaços em que pessoas transitam diariamente, são produzidos coletivamente os limites simbólicos que afastam, aproximam ou categorizam grupos sociais e suas relações (ARANTES, 2000 apud LEITE, 2002). Nesta perspectiva, a diferença é aceita e reconhecida uma vez que cada uma ocupa seu lugar. O modo de espacialização segmentada não ocorre, neste caso, por meio de guetos, mas de lugares, com menor rigidez em suas delimitações, mas, da mesma forma, marcados pelos aspectos que são direcionados a espaços específicos da cidade. É apenas na esfera da vida pública e não no âmbito privado que as pessoas partilham ou disputam vivências, na qual emerge a condição humana da pluralidade e das relações de poder (LEITE, 2002).

⁹ Sobre Estudantes Universitários(as) e a relação com suas cidades natais, ver Araújo (2017).

Especificamente no primeiro capítulo desta dissertação, é possível compreender que não lido com a categoria de guetos, mas com um modo de ressignificação dos espaços públicos como o Arco do Triunfo. Entre a maior liberdade que se propaga sobre a cidade e a possibilidade do sentimento de segurança, os jovens interlocutores homossexuais citam horários noturnos e demonstram como, simbolicamente, há aspectos e demarcações ao transitar pelos espaços.

1.3 Em campo

Minha experiência em campo já remonta há alguns anos, como destacado no início desta introdução. Morei em Sobral durante a graduação do segundo semestre de 2012-2 até o primeiro semestre de 2017, cursando ciências sociais na Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA- para finalização do curso. Como trabalho de conclusão, realizei uma pesquisa monográfica¹⁰ na cidade. Naquele mesmo ano, mudei-me para a capital do Ceará para cursar as disciplinas do mestrado em Antropologia UFC-UNILAB, o que, naturalmente, me distanciou do campo durante cerca de um ano, ainda que eu tenha voltado à cidade durante esse período, uma vez que não realizei a pesquisa em si. É certo que o distanciamento do campo, atrelado à ansiedade para o início da pesquisa, proporcionou-me não apenas um novo olhar acerca de como seria a volta a Sobral, como também a busca por uma aproximação que ainda não poderia ser física, mas da qual eu sentia necessidade. O recurso da internet e a análise do ciberespaço tornaram-se meu primeiro contato com o campo. O contato virtual com a programação dos bares foi importante para organizar os dias em que eu iria a campo conhecer, mesmo que através de fotos postadas, *stories* das festas, comentários, enfim, da observação de quem estabelecia engajamento com a rede social, pessoas que eu encontraria nesses lugares.

É importante frisar que o Instagram é a rede social a que eu mais me dediquei para coletar dados antes de realmente voltar a Sobral para iniciar a pesquisa. Não houve uma análise de outras redes, nem um longo projeto para que eu tivesse essa decisão. Com o tempo, comecei a perceber que o perfil¹¹ de uma festa *gay* “seguia” minha conta pessoal. Desta maneira, comecei a ter contato com muitas fotos das festas e dos eventos, bem como das fotografias de jovens que as frequentavam. Assim, comecei a perceber que a rede social é um forte espaço que (também)

¹⁰ ARAÚJO, Bruna Silva. *Caminhos Universitários: Uma abordagem sobre sexualidade com estudantes da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA*. Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais. Sobral, 2017.

¹¹ Refiro-me à conta de Instagram utilizada para divulgação dos eventos.

ultrapassa a interação virtual, tendo em vista que, através dos *stories*, era possível compartilhar momentos das festas (por vezes, em tempo real). Deste modo, comecei a seguir o perfil de bares e, a partir disso, pensar dias, horários e contatos que seriam interessantes para a pesquisa. A distância da cidade tornou-me mais sensível para o ambiente virtual como estratégia de pesquisa, pois este se tornou um instrumento de aproximação com meus interlocutores(as). O ciberespaço, sem dúvida, foi importante para repensar a pesquisa, as abordagens, rever o circuito homossexual, que não se configura como algo estático, e uma forma interessante de atualização de espaços *gays* etc.

É certo que a possibilidade do desenvolvimento de uma pesquisa no ciberespaço, como frisa Parreiras (2011), é campo recente na antropologia, mas vem crescendo através de grandes discussões estabelecidas na última década. Tomar o ciberespaço lugar de investigação, observa a autora, sugere uma desordem em relação às noções clássicas do fazer etnográfico. Citando Michel Fischer, a autora realça que o desenvolvimento de pesquisa no ciberespaço permite a reconfiguração de categorias e conceitos referentes ao tempo, espaço e à linguagem. Reforço que a análise do virtual é apenas uma das estratégias iniciais de pesquisa e, até então, refere-se prioritariamente a perfis de bares no Instagram. Desta forma, a autora, ao citar Hine, alertará que o “estar lá” no contexto virtual está relacionado com uma “viagem experimental”. O olhar, nesse caso, proporciona sensibilidade através dos textos curtos, das imagens e dos vídeos. Ou seja, para além das contas de estabelecimentos, foi uma forma de aproximação a um novo campo que se construía.

Considero pertinente salientar que, ao refletir acerca do campo e da minha inserção, pude observar que, efetivamente, parte das pessoas com as quais tive contato durante a pesquisa não necessariamente eram as pessoas que eu havia visto em alguns perfis. A rede social foi fundamental para observar, primeiramente, se havia mudanças, novos estabelecimentos, espaços e como, em um ano, desde minha estada na cidade na qualidade de moradora e estudante, as alterações eram significativas. Um bar que citei em minha monografia e que era muito trabalhado nas primeiras versões do meu projeto de dissertação havia fechado, e, antes mesmo de minha volta a Sobral, busquei minimamente compreender para onde os jovens direcionaram-se. Essas questões são discutidas no capítulo dedicado aos bares. Este fato ilustra dois importantes acontecimentos do campo. O primeiro deles é a consideração do circuito (MAGNANI, 2000) como completamente distante da percepção fixa, estática. O segundo refere-se à importância de

analisar o ciberespaço e, conseqüentemente, ele me proporcionar certa noção do que estava acontecendo e para onde os jovens ou parte deles(as) estava se direcionando. Desta forma, considero que a inserção em campo se iniciou ainda em Fortaleza com o acesso aos ciberespaços.

A chegada a Sobral, inicialmente, provocou imenso desconforto. Meu retorno era permeado da sensação de que, de certo modo, tudo iria construir-se facilmente, pois eu estava de volta. Revi grandes amigos, porém permaneci durante exatos oito dias em casa/república, até iniciar minhas andanças pelos bares, praças e pelos demais espaços que são trabalhados nesta dissertação. Considero extremamente relevante destacar que minha insegurança estava atrelada ao meu campo que é, sobretudo, noturno. Esta reação foi surpreendente, principalmente ao imaginar que eu estava voltando a um lugar que me era “familiar” e onde eu estive morando durante os anos de graduação em ciências sociais. Desta forma, na primeira semana de campo, dediquei-me ao contato com interlocutores e fiz a primeira entrevista em Sobral. Toda minha insegurança esteve relacionada ao campo no período noturno e a minha condição de mulher transitando nesses espaços públicos frequentados pelo público LGBTT. Aqui relato a insegurança que se refere a assaltos etc.

Ao longo de todo o trabalho de campo, realizei sete entrevistas. Após algumas entrevistas, comecei a direcionar-me aos espaços da pesquisa. Ao Arco do triunfo, ao Donna C, não somente à noite, mas também ao longo do dia, para que eu pudesse comparar estes espaços e seus frequentadores. Durante o dia, eu me organizava para fazer tais observações enquanto desempenhava alguma atividade cotidiana, como pagar contas. Ao caminhar em direção ao supermercado, sempre buscava uma rota que me permitisse transitar em partes dos espaços que fazem parte do circuito estudado. Compreendendo que, mesmo num campo noturno, era necessário observar em que medida se diferenciava a ocupação de tais espaços, não somente por meio da observação, mas também das narrativas de meus/minhas interlocutores(as).

Utilizando as histórias de vida, como percebe Kofes (1994), o propósito é não só analisar as experiências e percepções dos sujeitos, como também as formas de interação entre o pesquisador e eles. A referência às histórias de vida não contemplam somente o sentido “fechado” e restrito das pessoas que as contam, mas, sobretudo, as experiências narradas que discutem a cidade e seus espaços ultrapassam a vivência pessoal. Assim, a entrevista permite que, ao contar suas experiências, os(as) jovens, no mesmo movimento de suas narrativas, realizem

interpretações sobre suas próprias ações nos espaços da cidade. “(...) Referência objetiva que transcende o sujeito e informa sobre o social” (Kofes, 1994, p. 120).

Ao passar dos dias, a ansiedade para entrar em contato com mais pessoas e, conseqüentemente, para que eu pudesse ter mais interlocutores era cada vez mais potencializada, afinal, minha estada em Sobral sempre se dividiu em quinze dias na cidade e os demais em Fortaleza, durante o período de pesquisa. Assim, conversei com amigos(as) sobre a pesquisa, acerca do novo campo, sobretudo porque as pessoas com as quais tive contato pelas redes sociais demoravam certo período para responder, ou nem sempre estavam dispostas a me encontrar. Algo extremamente importante a salientar sobre as relações de amizade em campo, como observa Velho (2003), é que a proximidade realça que, para o desenvolvimento da pesquisa, por diversos motivos, há um grande número de pesquisadores que, ao estudarem seus locais de origem, optam, como forma de inserção em campo, por utilizar suas redes de contatos anteriores. Particularmente, acredito que tal opção se torna extremamente positiva, sobretudo no período de inserção em campo. Observar o próximo não se constrói como algo simples, ou mais adequado para o “acerto”. Não há pretensão em tornar o conhecido amigo, como “objetos” a serem analisados, ou simples meios de acesso a novas pessoas. Por isso, é pertinente a afirmação de Gilberto Velho.

Em contato com pessoas próximas, direcionei-me para um evento em uma Universidade Estadual situada na cidade de Sobral. Neste espaço universitário, comemoravam-se os dez anos de um grupo de estudos cuja área de pesquisa concentra-se em juventudes. Minha maior motivação estava relacionada à apresentação do grupo Street Dance, formado por jovens moradores, em sua grande maioria, residentes na periferia de Sobral. O grupo de dança *pop* apresentou-se para toda a plateia com um de seus espetáculos. Com uma líder/presidente mulher trans, o grupo é formado por homens homossexuais, *drag queens*, outras mulheres trans e algumas mulheres heterossexuais. O contato com a Street Dance foi, sem dúvida, um ponto alto da minha inserção em campo, pois eu estava rodeada de jovens com os quais não havia tido qualquer relação anterior.

A apresentação aconteceu durante o evento e eu me sentei no auditório para assisti-los. O que, para mim, seria um momento dedicado à percepção do prestígio dos(as) jovens e à apresentação de modo geral, em alguns minutos, transformou-se em imenso desconforto, tendo em vista que algumas pessoas na fileira atrás da minha começaram uma “conversa” entre

homens, aparentemente jovens, que se questionavam acerca do gênero do(as) dançarino(as): “É mulher? Sim, é mulher”. O diálogo era movido por frases de dúvidas entremeadas por risadas e cochichos. Notadamente, causaram-me mal-estar as expressões silenciosas, mas não menos homofóbicas/transfóbicas, que pareciam estar relacionadas não só a Caroline, mulher transexual, como também ao figurino e/ou à *performance* do(as) dançarinos. É importante salientar que todos os nomes utilizados nesta dissertação são nomes fictícios com o propósito de preservar a identidade dos(as) interlocutores(as).

Após a apresentação, os jovens saíram do auditório e ficaram um pouco à esquerda da entrada e fui chamada por uma amiga para ser apresentada a eles. Falei sobre a pesquisa, sobre a rotina do percurso entre Sobral/Fortaleza e manifestei interesse em acompanhar os ensaios do grupo quando eu estivesse na cidade. Houve acentuada receptividade, apoio e pude rapidamente falar com um dos integrantes e cumprimentar a líder do grupo. A partir deste dia, passei a acompanhar ensaios que acontecem no bairro Sumaré. Estar nos ensaios era uma forma de conhecer, entender a dinâmica do grupo, as relações e uma forma de estar mais perto e, a partir disto, estabelecer uma relação mais aproximada com os(as) dançarinos(as). Seria negligente de minha parte não abordar as experiências da Street Dance como grupo de dança, pois a relação de meus interlocutores com o grupo ultrapassa a dança e reflete-se como espaço de força, superação e sentido de família. Pude perceber esse laço durante os ensaios que acompanhei e a realização de algumas entrevistas¹².

Minha relação com alguns deles ultrapassou o espaço de ensaio e entrevistas e (até o momento) chegou aos espaços de sociabilidade que pesquisei, o primeiro deles, a festa The Boche, organizada pelas *drag queens*, que ocorreu no Donna C bar. O que quero dizer é: apesar de a pesquisa não transitar pela arte da dança em si, estar em contato com o grupo me proporcionou contato com a diversidade de jovens e, sobretudo, jovens que não residem no centro da cidade e seus arredores, lugares onde pesquisei o circuito homossexual, mas que estão ativamente ocupando esses espaços de sociabilidade.

Um desses espaços é a margem esquerda do Rio Acaraú onde acontece a Vinholada¹³. É verdade que esta festa é bem conhecida entre os jovens que residem em Sobral e, ainda que seja

¹² Por meio das narrativas, é possível observar a abrangência do grupo de dança Street dance que ultrapassa a esfera da arte e é permeado de afetos e acolhimento LGBTT.

¹³ Festa organizada por estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará –UFC/Sobral, que será melhor apresentada no item 2.3 do capítulo 2.

considerada uma festa LGBTT, o público heterossexual participa ativamente. Fui à primeira festa acompanhada de dois amigos e interlocutores, às 22h, horário considerado cedo, mas o propósito era realmente observar a chegada das pessoas. Algo importante a ser mencionado refere-se à programação da Vinholada. Apesar de não ter uma agenda certa, seu dia fixo é sempre às quintas-feiras, exatamente devido à relação de estudantes universitários com suas cidades de origem. É importante ressaltar que a festa não é frequentada exclusivamente por universitários, mas também por esse público de jovens que geralmente retorna aos fins de semana para a cidade natal. Estes mantêm fortes vínculos com sua cidade natal nos finais de semana e/ou feriados prolongados. Sahlins (1997), atualizando o conceito de sociedade transcultural¹⁴, observa que a sociedade moderna constrói sua própria capacidade de partilhar pessoas e bens. Os jovens saem de suas cidades e o novo espaço urbano que se apresenta os coloca no encontro com a liberdade, principalmente quando se refere à distância que então tomam do controle dos mais velhos e seus costumes.

A festa, ao concentrar-se em local público, permite um acesso muito fácil e rápido, principalmente para quem mora nos bairros Centro ou Pedrinhas. Menciono isto devido ao fato de ser organizada por estudantes universitários e tais bairros serem os que concentram parte significativa de repúblicas estudantis. Contudo, as pessoas que a frequentam não se limitam apenas a estudantes. Durante a festa, optei apenas por observar e conversar com meus interlocutores e amigos. Um deles, do curso de psicologia da UFC, era o que mais me explicava os propósitos da festa e sobre como, ao longo dos anos, ela se remodelou de acordo com a diversidade do público. Lembro que a festa sempre teve o direcionamento para o público LGBTT. A todo momento, eu lhe fazia perguntas para entender como o espaço era ocupado e optei por não abordar ninguém apesar de encontrar naquele espaço pessoas que já estavam participando da pesquisa. Por o espaço ser relativamente pequeno e estar cheio, com muita música dançante, dificultava-se qualquer abordagem. Assim, meu comportamento em campo se conduziu desta forma. Meu propósito recai, nesta questão, sobre a interpretação e análise de espaços públicos e como o público homossexual vem a consumir esses espaços. É interessante ressaltar como as pessoas se distribuem na Margem do rio Acaraú, o modo particular de ocupação, que presenciei apenas nesse espaço.

¹⁴ A proposta refere-se à produção de uma teoria que compreenda as vivências de emigrantes na cidade e seus vínculos com a terra natal. Assim, faz-se necessário o rompimento com formas de vida “típicas” das áreas rurais e “típicas” da cidade (Sahlins 1997).

Diferentemente de espaços públicos, os bares, a exemplo da festa The Boche, limitavam a entrada aos integrantes da lista *vip*, organizada virtualmente por meio das redes sociais, ou aos que compravam as pulseiras que eram um pouco mais caras do que a lista. Esta foi a primeira festa a que compareci no Donna C bar, e, pela chamada virtual, pareceu-me interessante participar de uma festa em que todas as *deejays* eram *drag queens*. Até então, eu não havia estabelecido contato com as *drags*, não tive qualquer relacionamento com elas durante os anos em que fui moradora da cidade de Sobral ou durante a realização da pesquisa monográfica. Foi através de meu interlocutor, que, em uma entrevista, comentou sobre sua pesquisa monográfica, e das redes sociais que tive conhecimento sobre as *drag queens*. Este momento tornou-se importante para o recorte da pesquisa, tendo em vista que meu projeto não tinha como propósito pesquisar *drag queens*, nem o modo como elas vivenciam estes espaços nas situações de consumidoras e de produtoras.

Compareci à festa por volta das 23h30min, um pouco mais tarde do que gostaria, devido a minha chegada naquele dia em Sobral. Logo na entrada, vi parte das *drag queens* em frente ao portão de acesso, conversando, enquanto, dentro do espaço, já estava acontecendo a festa. Diferentemente da vinholada, o espaço era menor e havia um número bem menor de pessoas. Era, de certo modo, mais fácil conversar e tentar estabelecer contato, apesar do som alto. Em espaços de sociabilidade homossexual, esta festa foi (até o momento) o lugar onde eu tive maior e mais acentuada receptividade. Das pessoas que lá estavam, eu conhecia apenas uma da minha ida à Street Dance, inclusive, ela estava montada¹⁵ e não estava tocando como *deejay*. Meu contato com ela foi extremamente rápido.

A segunda festa que acompanhei foi a TôLoukah. Esta festa ocorreu de forma semelhante à theBoche; havia, na entrada do evento, a venda de pulseiras de acesso. Nesta festa, estavam as *deejays* Juny Salen (presente nos dois eventos em que realizei pesquisa), Vayölla e outros dois *deejays*: um de Fortaleza e o produtor do evento, Ká. Esta ocorreu cerca de um ano após a primeira festa e foi importante para realizar contato com as *drags* que se tornaram interlocutoras da pesquisa. Dedicar-me-ei a esses eventos no quarto capítulo desta dissertação.

Debert (2004) observa que existe abertura à possibilidade de interlocutores(as) mostrarem-nos outras possibilidades de pensar a pesquisa, como também estimular a criatividade

¹⁵ Vestimenta justa ao corpo, cabelos longos e coloridos, meias até a canela também coloridas.

ao refletir sobre problemáticas que, por meio deles(as), propomo-nos a pesquisar. Tal abertura proporciona mudanças significativas e importantes para a realização da pesquisa, e, principalmente, não torna os objetivos da pesquisa estáticos. É desta forma que se supera, por meio da história de vida, o sentido simplista de “falar”, possibilitando, assim, o diálogo. O que se infere a partir da história de vida é que, por meio desse método, a experiência a partir de vivências possibilita a transformação de hipóteses e suposições acerca de diversas questões. Esse posicionamento permite à pesquisa a possibilidade de redirecionar categorias, o que não ocorreria com questionamentos fechados. Assim, o diálogo com o(a) interlocutor(a) permite que sejam relativizados conceitos que podem, por vezes, homogeneizar a diversidade de experiências.

Como mencionado no parágrafo anterior, essa festa foi uma das experiências em campo mais receptivas. Obviamente, minha presença destoava das demais devido às minhas pausas para anotações no discreto caderno de campo, é provável que uma das *drag queens*, Kel Fox, tenha feito uma leitura muito positiva do singelo caderno de campo, que me deixou acentuadamente alegre. Apesar disso, optei por não me apresentar. A movimentação de todas no começo da noite mostrava que, além do trabalho, tocando como *deejay*, elas estavam atarefadas na organização da festa. Pela segunda vez, optei pela observação. Contudo, Kel Fox, nos momentos possíveis, sempre puxava conversas rápidas e trocava cumprimentos. Essa abertura foi importante para o contato posterior com todas as *drag queens*, o que, conseqüentemente, acrescentou novas categorias à pesquisa. Além de transitar pelas experiências de rapazes homossexuais, focalizarei, aqui, através de suas narrativas, as suas experiências performáticas na arte *drag queen* e, também, como estes corpos artísticos transitam nesses espaços de sociabilidade, para além do Bar, espaços públicos e simbólicos para a cidade.

No capítulo 1, apresentei o tema e o objetivo da pesquisa, discuti a história de Sobral e busquei deixar definidas as questões que orientam a pesquisa, a metodologia utilizada e a experiência em campo.

O capítulo 2 apresentará os espaços públicos de Sobral, como o circuito homossexual é construído, apresentando o conflito como produtor desses espaços públicos de sociabilidade homossexual. O propósito recai em pensar a homossexualidade a partir das experiências urbanas interioranas.

O capítulo 3 busca pensar especificamente os bares que fizeram parte do circuito homossexual. Nele, as narrativas referem-se às memórias de meus/minhas interlocutores(as)

acerca de bares que foram importantes espaços de sociabilidade homossexual. Nesta perspectiva, busco compreender a ideia de “público” discutindo os conceitos de consumo material e imaterial.

O capítulo 4 tratará sobre o momento de transição para o mais recente bar homossexual da cidade, refletindo sobre as vivências noturnas da homossexualidade no Donna C. Discutirei performances a partir de *deejays* drag queens e sobre como elas são produtoras e consumidoras desses espaços. Por fim, apresentarei um ensaio fotográfico das performances *drags* e as considerações finais da pesquisa.

Imagem nº 1 – Mapa especializando os usos trabalhados



2 USOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS PELOS HOMOSSEXUAIS

Este capítulo discute a sociabilidade de jovens homossexuais em espaços públicos de Sobral, especificamente no Arco do Triunfo e na Margem Esquerda do Rio Acaraú. O capítulo elucida os conceitos de sociabilidade, geração e cidade, tendo como propósito, a partir dessas discussões, pensar a homossexualidade referida a experiências interioranas.

Discutir usos e táticas a partir de De Certeau (2013) é direcionar o olhar para o modo como os jovens praticam a cidade. As estratégias constroem-se como lugares de poder em que são estabelecidas resistências presentes no lugar. Nessa perspectiva, as táticas podem ser entendidas como modos de uso do tempo que permitem a reorganização do espaço. Ao ressignificarem espaços, os jovens se utilizam de táticas que permitem seus percursos noturnos em lugares de liberdade, lugares esses que são marcados por diversas normas definidas por quem detém o poder.

2.1 Uma cena entre a cidade e o ciberespaço

Seria pertinente ainda observar por que, em mim, após a pesquisa monográfica, construía-se a necessidade de compreender os paradoxos que permeavam a cidade de Sobral, entre liberdade e discriminação. Lembro-me que minha chegada à cidade como moradora e recém-aprovada no vestibular de ciências sociais, no ano de 2012, além de felicidade pela aprovação, estava permeada de surpresa com um novo modelo de cidade que seria minha residência nos quatro anos seguintes. Quando ouço, em boa parte das entrevistas, que Sobral é para eles e elas uma grande cidade, repleta de serviços e oportunidades, entendo-as de forma muito íntima. Para nós que saímos de cidades menores, Sobral é uma cidade com movimento diferenciado, desde o fluxo populacional, os serviços, a extensão, até o trânsito. É tudo relativamente maior, mais movimentado e se torna ainda maior dependendo da cidade de origem. Lembro-me que me chamava muita atenção a quantidade de ônibus universitários que congestionavam a rotatória do Arco do Triunfo. Atravessar, todos os dias, aquela avenida era uma imensa chateação somada ao barulho extremamente inquietante das buzinas dos carros. Eram e são muitos os ônibus universitários que ali transitam. Talvez seja necessário um esforço

do(a) leitor(a) que reside em uma capital, para alcançar a compreensão do porquê é direcionado à cidade o termo “polo” repetidas vezes.

Assim, perceba, leitor, o Arco do triunfo é um calçadão que se estende em desenho retangular no centro da cidade. Localiza-se próximo à rotatória mencionada no parágrafo anterior e há diversos estabelecimentos comerciais nos seus arredores, como farmácias, pizzarias, restaurantes, escola particular de grande referência no Ceará e os bares referidos nesta dissertação. Ao longo de todo o espaço, há bancos de pedra também em recorte retangular situados horizontalmente. No centro do espaço, encontra-se o monumento Arco com a imagem de uma santa católica, Nossa Senhora de Fátima, fixada no centro do monumento, por isso, popularmente o Arco é conhecido como Arco de Nossa Senhora de Fátima, também como Arco do Triunfo, e seu calçadão como Boulevard do Arco¹⁶.

Após perceber minimamente como é construído o espaço do Arco do Triunfo, imagine uma festa onde diversas *deejays drag queens* trabalharam durante a noite, em um bar localizado numa rua próxima ao monumento do Arco, referido pela publicidade do bar na internet como: ruazinha, centro. De fato, o bar ao qual me refiro localiza-se numa ruazinha que dá acesso a uma avenida movimentada da cidade, a Oriano Mendes. Essa pequena rua fica entre a avenida Oriano Mendes e a Av. Dr. Guarany. De lá, é possível ver o monumento Arco (Ver Imagem nº 1). Torna-se comum que os(as) jovens, devido à ausência de cadeiras, direcionem-se aos bancos de pedra do Boulevard seja para sentar-se, descansar, encontrar outros amigos, seja dialogar longe da alta música dentro do bar. Sempre há diversos motivos para ir ao Arco.

Perceba o quanto é comum esse direcionamento e imagine como, após uma longa noite, trabalhando, performando como *drag* e produzindo shows como *deejay*, tanto parte das *drag queens*, como a maioria daqueles(as) que frequentam o bar Donna C se direcionam ao boulevard do Arco após os seus shows, ou intervalos, para dialogar, sentar e conversar. Dentre eles, alguns amigos também se juntam ao momento. Ao longo da madrugada, entre um *show* e outro, é possível encontrá-las nos bancos descansando, a madrugada movimentada mostra que, além delas, muitos outros(as) jovens, vindos ou não do Donna C, também estão naquele espaço. Risos altos, brincadeiras, abraços, reencontros, bebidas alcoólicas, o Arco torna-se espaço de lazer noturno. As *drag queens* também compõem este espaço, que, sem dúvida, é muito

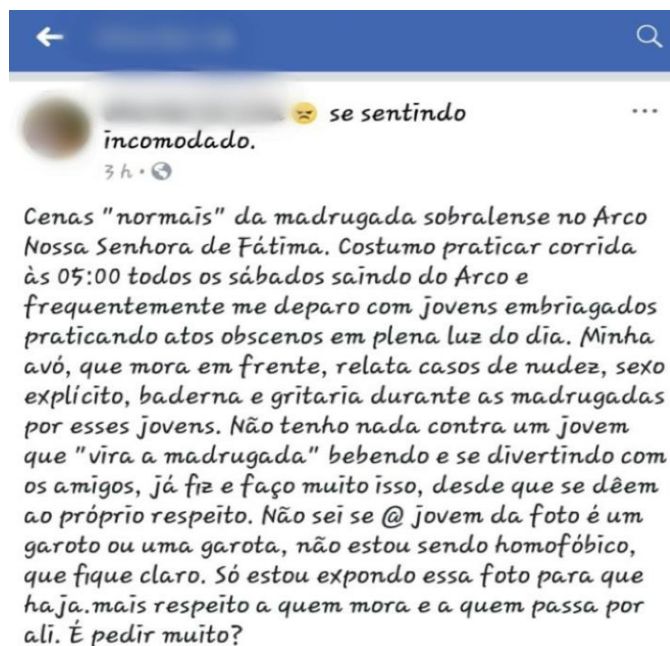
¹⁶ Segundo dados da biblioteca IBGE, o monumento foi pensado com referência ao Arco do Triunfo Francês. Este fora construído no Boulevard Pedro II, situado na Avenida Dr. Guarany. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=437050&view=detalhes>

consumido pela diversidade juvenil. Não há estranhamento entre os corpos que lá ocupam; a madrugada se constitui de forma livre e, quando não, é possível visualizar uma rede de segurança que, entre conhecidos e desconhecidos, passa certa proteção àqueles que não se enquadram em normas heterossexuais.

Agora imagine três *drag queens* nos bancos de pedra, após uma longa noite de trabalho. Ao amanhecer, uma roda de conversa comum durante a madrugada, entre amigos. Era o mesmo espaço, os mesmos bancos que, na madrugada, algumas vezes, foram ocupados por parte delas, por parte de diversos jovens. Se não houvesse uma garrafa de vinho e copos sobre o banco ou a vestimenta de *show*, não seria possível perceber que aqueles(as) jovens estavam virando a madrugada, parte deles se divertindo e trabalhando.

Perceba que, ao acordar e visualizar na internet uma propagação de indignação acerca de uma determinada publicação na rede social Facebook, um rapaz aparentemente jovem descreve sua “perplexidade” e “revolta” ao deparar-se com a cena aqui descrita. Ao detalhe da luz do dia, deve-se direcionar foco. Para muitos(as), o conhecimento sobre a publicação aconteceu via rede social Instagram, em que, por meio da publicação de *stories*, o rapaz que performa a *drag* Rita expõe sua indignação ao deparar-se com a publicação, reafirmando sua forma de trabalho e arte. Imediatamente, busca-se a publicação de cunho preconceituoso e visivelmente contraditório, haja vista que, entre o texto e a imagem publicada, há enorme distância (Ver Imagem 2).

Imagem nº 2 – Publicação retirada da rede social Facebook.



Fonte: Facebook (2018)

O texto refere-se a uma postura de embriaguez, atos obscenos, cenas de nudez. O autor da postagem cita sua avó que mora em frente ao Arco para validar seu argumento, afirmando que há, inclusive, ao longo das madrugadas, sexo explícito. O autor da postagem ainda reafirma não ser contrário aos jovens que buscam, durante a madrugada, o divertimento e o consumo de bebidas alcoólicas. Utiliza a palavra respeito para elucidar uma forma de comportamento que seja moralmente "aceita" e "correta" na cidade. Finaliza a publicação direcionando o foco a sua dúvida acerca do gênero da *drag queen* e afirmando não ser homofóbico, mas prezar pelo respeito àqueles(as) que transitam pelo Arco e residem nos seus arredores.

Rapidamente, a postagem alcança (no âmbito local) um grande número de pessoas, tanto os favoráveis quanto os contrários ao conteúdo. Aqueles favoráveis reiteram a necessidade de haver respeito em um espaço acentuadamente simbólico para a cidade e os idosos que lá residem. Os que se posicionam contrários falam sobre homofobia e discriminação com os(as) jovens que estavam presentes na foto.

A publicação não ficou sequer 24h no perfil do autor. É possível imaginar que, devido à propagação rápida, ele decidiu excluí-la. É muito incerto afirmar as razões (Ver Imagem 3).

Imagem nº 3 – Fotografia de Jovens e Drag Queens publicada em rede social



Fonte: Facebook (2018).

A fotografia acima foi utilizada na publicação e capturada pelo próprio autor do texto. Nesta, é possível visualizar facilmente duas *drag queens*, uma de costas, com maiô preto, cabelos loiros e longos. A segunda está sentada no banco de pedra, também com roupas pretas e com pernas cruzadas. A terceira *drag* está atrás de galhos, com roupas branca, sendo difícil visualizá-la. É possível ver nitidamente uma garrafa de vinho com dois copos pela metade. Os demais jovens encontram-se descontraídos, conversando e registrando o momento por meio de *selfies*. É possível observar nesta fotografia apenas descontração entre jovens que repetiam uma cena extremamente comum naquele local e na madrugada de Sobral.

O momento de leitura da referida publicação foi objeto de revolta por parte dos envolvidos(as) e das pessoas que, por meio de comentários publicados, mostraram-se contrárias à

discriminação em relação aos(as) jovens da fotografia. O contato com a imagem me trouxe duas lembranças do Arco do Triunfo. A primeira delas foi , especificamente, do dia em que foi registrada a imagem. Eu havia me direcionado ao Arco, para descansar, e, enquanto havia mudança de apresentação, vi duas *drags* e muitos outros jovens sentados em meio à madrugada movimentada da festa. Utilizei o diário de campo para registrar aquele momento. A segunda lembrança refere-se a um ato do qual participei no ano de 2016, no Arco do Triunfo, em prol dos direitos humanos LGBTT's (Ver Imagem 4).

Imagem nº 4 – Ato na cidade de Sobral



Foto: Bruna Araújo (Acervo pessoal) 2016

O ato que percorreu as ruas do Arco em 2016 referia-se à 1ª Conferência Municipal de Direitos Humanos LGBT de Sobral. Com o título Todas as Cores da Juventude, foram realizadas diversas atividades na Coordenadoria de Formação Docente e Educação a Distância-CED de Sobral. Palestras e atividades culturais marcaram esta conferência sobre questões LGBT no município. Por fim, os participantes do evento tomaram as ruas do Arco com palavras de

ordem, segurando faixas de protesto, levando à rua a pauta e luta LGBT, sobretudo em um espaço simbólico para a cidade e fortemente frequentado pelos LGBT's.

Essa conferência foi e é, sem dúvida, uma grande conquista para a cidade no que se refere à promoção de eventos que têm como propósito discutir a diversidade sexual e de gênero. Sair dos espaços de palestras e acadêmicos, levar à rua o debate LGBTT em Sobral, cidade interiorana localizada na região Norte do estado, é para os participantes do evento um modo de resistência [também] com forte influência católica e às tentativas de construção, como observado anteriormente, de comportamentos “moralmente respeitosos” para com este espaço simbólico e seus moradores mais idosos (Ver Imagem 5).

Imagem nº 5 – Jovem militante homossexual.

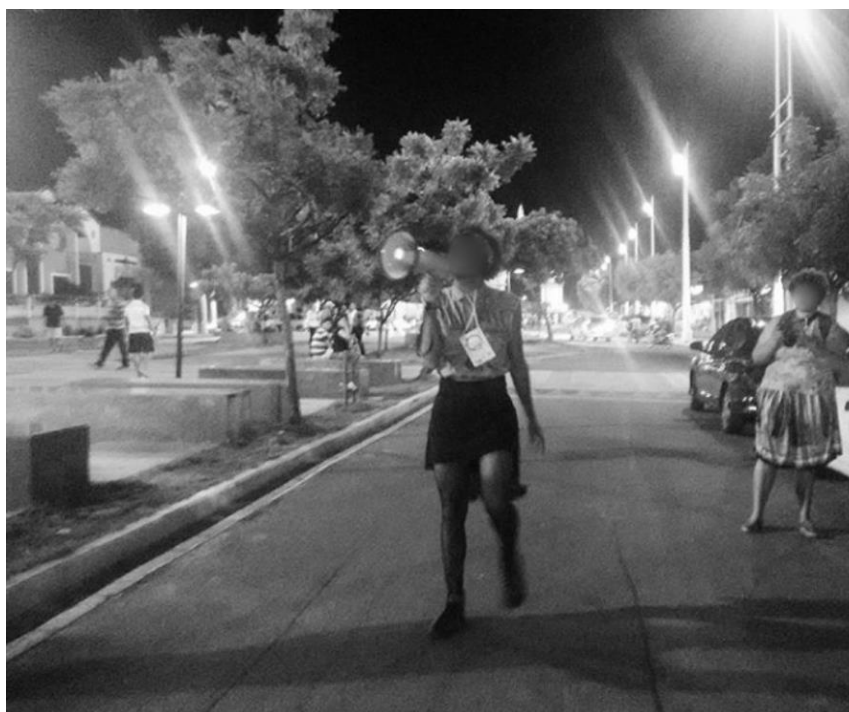


Foto: Bruna Araújo (Acervo pessoal) 2016.

Observa-se um jovem que leva palavras de ordem sobre diversidade sexual e de gênero para as ruas da cidade. Nesta foto, o rapaz da imagem está falando ao megafone, de frente para as demais pessoas presentes no ato. Ao fundo, é possível visualizar, à esquerda, o calçadão do Arco do Triunfo e seus bancos de pedra; à direita, é possível observar dois carros que estão estacionados em frente a estabelecimentos comerciais. É importante observar, a partir da

fotografia, também, suas vestimentas, pois ele se encontrava de tênis, saia relativamente curta e camisa. A memória não me possibilita detalhar cores e texturas. Meu apego às fotografias monocromáticas não me permitiu à época salvar a imagem colorida. Contudo, é possível perceber que a fotografia elucida várias formas de atuação. A primeira delas já abordada aqui é levar o debate às ruas, sair da sala de aula e de ambientes específicos longe da rua; a segunda refere-se à própria vestimenta que, ao não se adequar aos padrões da heterossexualidade, masculinidade, de certa forma, provoca discussões para aqueles(as) que veem a cena. Ao longo dos capítulos, discutirei esta questão mais profundamente, tendo em vista que parte de meus interlocutores intitulam-se de “afeminados” para se referir à orientação sexual, notadamente uma forma de ressignificar o que anteriormente e ainda nos dias atuais se constrói como condição negativa referente à fala, vestimenta, gesticulação etc. Para compreender tais questões e a força desta ressignificação referente ao “afeminado”, usarei a *teoria queer*.

A *teoria Queer*, como observa Miskolci (2014), abre campo de reflexão acerca das normas culturais, possibilitando vantagens políticas e econômicas para as pessoas que se “encaixam” na norma heterossexual. Ameaçando as regras heterossexuais baseadas no molde da “família tradicional”, a homossexualidade passou a ser vista como contaminação à ordem pré-estabelecida. Desta forma, o termo *queer* teve como principal propósito a ressignificação da injúria, propondo-se a desconstruir o que era visto como algo errado ou ruim, uma maneira de barrar a ordem normalizadora.

A *teoria queer* aparece fortemente no contexto de pesquisa, sobretudo, nesse período de pesquisa de campo para a dissertação, quando, em parte das entrevistas, meus interlocutores se definiram como “afeminados”. Lembro-me que, ao sair de um dos ensaios da companhia de dança Street Dance acompanhada de uma amiga e de dois interlocutores, caminhávamos até o VLT para nos direcionarmos ao Arco. Um jovem, ao nos ver passando, fez um comentário em tom de deboche, sobre meus interlocutores. Devido à distância que me encontrava deles, não pude ouvir plenamente o teor da fala, contudo, de imediato, meu interlocutor olhou para mim e orientou-me a não dar ouvidos à fala, afinal, segundo ele, até que se tornavam comuns comentários preconceituosos em seu bairro.

A teoria queer tornou-se fundamental para pensar esta pesquisa quando em campo comecei a lidar com pessoas que, abertamente e constantemente, entendiam-se/reconheciam-se como “gays afeminados”. Nesse contexto, algo que precisa fortemente ser compreendido é que

um corpo declaradamente “afeminado” transita de forma diferente se comparado a um corpo que não se aproxima do feminino.

É importante observar que essas questões são fundamentais quando me direciono aos espaços trabalhados nesta dissertação. Primeiramente, pensar o Arco como espaço onde se tenta afirmar uma moral a ser seguida, ao mesmo tempo, entra em confronto com a ocupação homossexual. Busco entender como funcionam estas ocupações e porque este espaço, a princípio, parece guardar ao mesmo tempo um paradoxo entre moralidade e liberdade.

2.2 “Depois das dez”: Resignificando o Arco do Triunfo

Pronto, o Arco é um lugar que eu me sinto super bem, porque é um lugar assim, onde a gente pode ir, sem medo de, claro que a gente tem medo, mas com... uma certa segurança, de estar lá, por isso que o Arco é o lugar onde mais roda o público *gay*, é o Arco (Pedro, entrevistado em 2018).

Como mencionado na introdução desta dissertação, o Arco do Triunfo é, sem dúvida, um espaço muito simbólico não só para a cidade de Sobral, como, também, para a vida cotidiana de seus moradores. A partir da citação de Pedro, é possível também pensar o Arco como parte do que se compreende como circuito homossexual da cidade, e isso perpassa diversas questões de consumo nos e dos espaços, assim como de conflitos e resistências. A percepção conflituosa que transita pelo Arco refere-se, sobretudo, à sua história, já que há, no alto do Arco, Nossa senhora de Fátima, uma santa cultuada pelos católicos que foi ali colocada durante uma peregrinação em 1954¹⁷, como também à vizinhança que é, em sua maioria, apesar do grande número de estabelecimentos comerciais, composta por idosos e idosas.

Já a expressão “depois das dez” tornou-se muito presente em parte das entrevistas, isso devido ao modo de resignificação que os jovens interlocutores observam nas mudanças que o espaço público do Arco experimenta, tornando-se parte importante do percurso homossexual na cidade, em acordo com a temporalidade local. A localização dos bares em seu entorno, a possibilidade de sair rapidamente das festas (ou ao seu final) e sentar-se nos bancos de pedra ou ou juntar-se aos amigos no Arco, é, também, uma forma de evitar gastos financeiros. Desta forma, é muito comum, ao caminhar pelo Arco do Triunfo à noite, ver diversas rodas de amigos, partilhando brincadeiras, consumindo bebidas alcoólicas, saindo de bares, festas e percebendo o

¹⁷ Vide (Ferreira, 2010)

Arco como ponto de encontro, ou mesmo, o próprio lugar para encontros, como mencionado acima.

É importante perceber que a noite atua como forma de transformação para outras práticas que não são comuns durante o período diurno. Os moradores vivenciam esta temporalidade de modos completamente distintos. Especificamente para os jovens, a ocupação desses espaços da cidade e seus modos de resignificação são características da noite. Espaços de sociabilidade juvenil, bares, são encontros que crescentemente assumem destaque na vida de jovens. (SANCHES; MARTINS, 2005).

O Arco do triunfo remodela-se e se torna um dos espaços de sociabilidade mais citados como parte do circuito homossexual na cidade. É certo que, de modo geral, à noite as proximidades do Arco são muito frequentadas por jovens heterossexuais. É comum, inclusive, visualizar pequenos grupos de pessoas sentadas nos bancos de pedra ao longo de todo o espaço. Para alguns jovens moradores da cidade, seus percursos noturnos também estão ligados a este espaço de sociabilidades, estar (brevemente ou não) no Arco se torna rota comum para os jovens em geral. É interessante observar que, para parte de jovens homossexuais que fazem do Arco espaço de encontros com amigos(as) ou próprio local para divertimento, tal espaço se constrói de forma distinta para jovens que não são heterossexuais¹⁸, pois seus modos de ocupação do espaço estão pautados em horários noturnos, como observa parte significativa de interlocutores nas entrevistas. Assim, é perceptível nas narrativas a expressão “depois das dez” para referir-se à maior liberdade que o Arco proporciona aos homossexuais.

É interessante observar que a temporalidade é fator a ser analisado, tornando-se necessário entender a relação destes jovens com a noite. O tempo livre acessível e a forma como esse tempo é vivenciado na noite torna-se um importante modo de compreender como os jovens tornam as experiências noturnas uma alternativa às regras diurnas. As possibilidades de maior liberdade experienciada na noite permitem compreender as preferências e escolhas destes lugares pelos jovens. (SANCHES; MARTINS, 2005).

Vítor é estudante do curso de ciências sociais na UEVA, tem 21 anos e é o único interlocutor que eu acompanho desde o período da pesquisa monográfica. Nossa primeira

¹⁸ Faz-se importante ressaltar que não quero aqui afirmar que tal percepção acerca de homossexuais que frequentam o Arco apenas se direciona para aquele espaço a partir das dez horas, ou que esta é uma regra da sociabilidade. Não há também intenção em definir qual predomínio de públicos, mas elucidar que os horários noturnos pautam segurança e maior liberdade homossexual.

entrevista aconteceu no final de 2016 e construímos uma relação de proximidade, acontecendo em setembro de 2018 a segunda entrevista. Na época ele era recém-aprovado no vestibular, hoje já se encontra em fase avançada do curso.

É importante ressaltar que Vítor atribui sua chegada a Sobral, e automaticamente o distanciamento da família, como momento em que iniciou seu processo de autoaceitação e a tentativa de não se enquadrar como heterossexual através da vestimenta, comportamento mais reprimido pela família, pela cidade pequena e por alguns amigos, dentre outros aspectos. Os diversos conflitos vivenciados na esfera familiar relacionados à orientação sexual foram determinantes para a sua saída da cidade. Vítor buscava distanciar-se de sua cidade natal e dos conflitos familiares existentes devido à convivência cotidiana. Antes de se mudar para Sobral, para cursar ciências sociais, devido a tais conflitos, ele residiu em Acaraú, cidade localizada na região Norte do estado do Ceará, e em Fortaleza, sua capital.

Vítor e Pedro descrevem suas experiências noturnas depois das dez horas da noite:

Quando eu tô com meu namorado, eu saio com ele mais a noite, a partir de dez horas, porque eu sei que é um ponto que, a partir de dez horas, que começam a sair os *gays*, as pessoas começam a se libertar, assim eu tenho coragem, mas durante o dia só se for pra lugares que eu sei que não tem tanto perigo, porque, é, tem lugares que eu não tenho coragem de sair com ele de mão dada, essas coisas, porque eu sei que é muito perigoso. (Vítor, entrevistado em 2018).
O certo seria todo instante ser um espaço livre, porém, eu me sinto mais seguro lá a partir das dez horas, que é onde assim, já não tem muita gente, quando tem muita gente, ainda tem aquele comentariozinho besta. (Pedro, entrevistado em 2018)

Como se observa acima, à medida que o Arco é citado como parte fundamental da noite *gay* em Sobral, indica-se que transitar por esse espaço requer um modo pautado em horários noturnos. Entre maior liberdade e segurança, depois das dez horas da noite, com a mudança de pessoas que frequentam tal espaço, é que, de fato, o Arco passa a ser descrito como local para a sociabilidade homossexual, um modo de ressignificação que se intensifica ainda mais durante a madrugada.

É certo que a liberdade é reflexo de uma imagem permitida pela noite, ou seja, os espaços noturnos, especificamente para jovens, constituem-se como espaços de maior liberdade. Tendo em vista que há jovens homossexuais que não optam pela experiência de direcionar-se ao espaço público para vivenciar liberdade ou esta vivência se constitui a partir de outras

necessidades (em determinadas fases ou, de fato, nunca queiram vivenciá-la), considero que a movimentação noturna como sinônimo de liberdade não é uma regra. (SANCHES; MARTINS, 2005).

Contudo, para jovens homossexuais, a liberdade refere-se, primeiramente, à busca para burlar a homofobia e as formas de discriminação, à tentativa de vivenciar os espaços de maneira que priorize a segurança referente à orientação sexual ou identidade de gênero.

Pensar estratégias de poder a partir de Foucault (2010) é observar que, apenas escondendo uma parte significativa de si, o poder constrói-se como suportável. O sucesso é resultado dos modos como são ocultos seus métodos. O segredo, desta forma, não se configura como abuso, mas modo necessário para o seu funcionamento. O poder, como forma de demarcação da liberdade, é condição geral de sua legitimidade. Butler (2010) utiliza a categoria da ordem compulsória do sexo para repensar certas estruturas de poder ao observar o sexo como consequência do gênero e o gênero como consequência cultural do sexo. É através deste modo de visualizar o sexo que se assegura uma percepção de dualidade, tornando a estrutura binária assegurada e eficaz. O que se compreende por gêneros “inteligíveis”, como frisa Butler (2010), é uma proposta de gênero que comporte em si uma determinada lógica contínua entre sexo biológico, gênero, práticas sexuais e desejo. A incoerência existe nas próprias normas que estão no interior das leis que têm como propósito essa “coerência”. Segundo a autora, essas regras culturais, por meio da ideia de identidade de gênero, tornam as identidades que não se adequam a essa lógica um modo de inexistência.

Compreendendo a discussão sobre gênero e sexualidade, faz-se importante frisar que o sentido dado à segurança diferencia-se do contexto e das pessoas que Sanches e Martins abordaram em seu texto, sobre a noite como espaço da liberdade para os jovens, mas também a noite como lugar de perigo. Assim, aqui, a segurança ganha maior destaque, tendo em vista que tais jovens não se referem somente à insegurança e aos receios que o transitar noturno provocam. Para eles, a insegurança não surge apenas ao anoitecer, e, sim, o anoitecer, apesar da maior vulnerabilidade na madrugada, é o período que lhes permite burlar a insegurança cotidiana, sobretudo, para aqueles(as) que estão fora das normas da heteronormatividade. Ou seja, antes de escrever sobre os perigos que percorrem a noite, como assaltos e demais formas de violência, é preciso dizer que, para estes(as) jovens, o direcionar-se a estes espaços, apesar dos perigos noturnos, é, antes de tudo, uma busca por segurança que o período diurno não permite.

Por outro lado, direcionar-se ao Arco já é, em si, uma forma de buscar segurança, a mudança de público reforça ainda mais tal sensação de proteção, haja vista que o número de pessoas homossexuais em tais espaços proporciona uma rede de segurança, independente de que estes(as) se conheçam ou sejam amigos(as), como fica claro nos depoimentos de Vitor e Pedro, abaixo:

Porque no Arco eu ando, dez horas da noite, eu não tô mais nem ligando, tô com ele de mão dada, porque eu sei que tem vários casais *gays*. Eu vejo que os *gays* todos começam a se libertar, que eu acho que é a hora que eles se sentem protegidos. (...) Eu acho que, quando tem mais *gay*, a gente se sente mais protegido, porque a gente junto, a gente dá muito, a gente não ia deixar que um homofóbico batesse em outro *gay*. Tipo, eu mesmo não iria, se eu visse um homofóbico, eu ia voar em cima, pronto. A gente LGBT sabe, a gente se defende de alguma forma, aí fico com mais confiança nisso, né. (Vitor, entrevistado em 2018).

Mas, é mais por isso, tenho certeza, mas nem tanta né, eu me sinto mais seguro perto das pessoas LGBT's. E não antes das dez, não, porque já aconteceu casos de pessoas falar. (...) E, depois das dez, nunca aconteceu comigo isso no Arco, especificamente no Arco, assim no lugar. (Pedro, entrevistado em 2018).

Segurança e liberdade são as palavras-chave para definir o “estar” no Arco do Triunfo, para estes jovens, sempre atribuindo ênfase a um sentido de segurança, que é a tentativa de evitar a discriminação a que estão vulneráveis cotidianamente. Desta forma, cria-se uma espécie de rede de segurança, em que se sabe que há um componente de apoio, independente de relações pessoais, proximidade etc. O sentimento de confiança está no próprio Arco e também no seu entorno, tendo em vista que os bares frequentados por eles se localizam a poucos metros de distância.

Para adentrar a vida noturna e compreendê-la como construção social, é quase fator determinante que haja um direcionamento ao lazer e às suas experiências, afastando-se das situações de risco que também fazem parte da noite. Desta forma, essa direção ao lazer está relacionada às redes de suporte individual, citando como exemplo laços familiares, amigos(as) e comunidade envolvente (SANCHES; MARTINS, 2005). Neste contexto específico, tais redes são compostas por outros homossexuais que frequentam o mesmo espaço de sociabilidade e, mesmo sem relações próximas, tornam possíveis a construção da noite *gay* em Sobral, pautada na confiança mútua.

É importante frisar, também, que não necessariamente familiares, neste caso, atuam como modo de proteção, tendo em vista que aqui se lida com homofobia e esta se encontra também no ambiente familiar. É até mesmo possível, em alguns casos, a busca do Arco como distanciamento do âmbito familiar, para aqueles que têm a família residindo naquela cidade. Desta forma, a insegurança frisada pelos atores, que também é construtora da noite, soma-se à insegurança relacionada à orientação sexual, identidade de gênero e à a vivência *drag queen*, quando estes têm que sair de tais espaços de sociabilidade *gay*.

Renan foi a primeira pessoa entrevistada para esta dissertação. Ele tem 21 anos, é estudante do curso de direito da Faculdade Luciano Feijão, localizada em Sobral. Reside em Sobral durante a semana, mas mantém contato, sempre que possível, com sua cidade natal, Santa Quitéria¹⁹. Renan, inclusive, estagiou, durante um período de doze meses, na comissão de Diversidade Sexual e de Gênero, da Subsecção de Sobral da OAB/CE. A entrevista aconteceu em Fortaleza durante sua vinda para um evento acadêmico na faculdade de direito da Universidade Federal do Ceará, em maio de 2018.

A seguir, Renan descreve a sensação de estar em um restaurante localizado próximo ao Arco:

O seguro que eu falo é que , se eu chego com... acompanhado, vamos supor, no Afonso Grill, em que a maioria das pessoas que tão lá são mais tradicionais, pessoas heteronormativas, o fato de você sentar lá e ficar de mãos dadas, ou simplesmente abraçado, é, você sente uma energia mais intimidadora, você sente que as pessoas param pra lhe observar, não que elas estejam com maldade, pode ser curiosidade, pode ser algo que elas não costumam conviver. (Renan, entrevistado em 2018).

Os espaços de sociabilidade que se constituem na noite realçam modos de consumo singulares, referem-se também a estilos de vida. Cada estabelecimento comercial, como bares, restaurantes e, neste caso, espaços públicos e festas, têm seu público específico, em que é possível observar diversidade de pessoas. Ao definir espaços da noite, estou me referindo, nesta perspectiva, a um espaço de identificação, no qual os consumidores compartilham modos de ser e de viver de um grupo de referência. Nesta perspectiva, é perceptível o paradoxo e os modos de contradição, pois a noite é percebida como espaço de liberdade, porém, sua funcionalidade depende da identificação daqueles(as) que se encontram e o espaço(s) que frequentam

¹⁹ População estimada: 43360. Disponível em: <https://www.santaquiteria.ce.gov.br/omunicipio.php>

(SANCHES; MARTINS, 2005). É importante destacar que o sentido de identificação é mais complexo do que estabelecer relações com pessoas heteronormativas/heterossexuais uma vez que a necessidade de identificação também tem referência com a homofobia.

Vítor descreve seus receios no Arco e narra uma situação de violência física:

(...) Teve uma vez que teve um caso de homofobia aqui, dois garotos, sentados no arco dia de sábado, chegaram cinco meninos véi de bicicleta e tacaram a facada no pescoço de um dos meninos, e outra na barriga, quando eles tavam namorando. Mas eu acho que a Débora, eu não sei se esses meninos iam roubar ele também, mas, pelo que as meninas me contaram, que esse menino era caso de homofobia né, não sei se foi caso de homofobia, mas a Débora e a Carla sabe, foi até os meninos do Street, que eu não sei? se era um tal de Carlos e outro meninozím namorado dele. (...) O namorado dele vai muito pro Arco, mas tipo, dia de sábado, eu sempre vejo, mas tipo dez horas, onze horas, acho que tipo ele ficou com aquele medo também, e ele só vai quando tem mais LGBT's que ele tem mais confiança, ele sempre fica mais perto de quem é LGBT. Aí tipo, eu tenho medo (Vítor, entrevistado em 2018).

Faz-se importante a citação para elucidar como conflito/discriminação/homofobia são elementos construtores desses espaços e que, mesmo os definidos pelos interlocutores como principais, quando se fala em sociabilidade homossexual, não estão “imunes” à violência, principalmente se observarmos as alterações de acordo com determinados dias da semana e, principalmente, com as mudanças de pessoas que ocupam tais espaços.

Pedro descreve uma situação de homofobia próximo ao Arco do Triunfo:

Porém, eu já sofri agressão aqui, não no Arco em si, nas extremidades, quando eu ia pra casa, eu ia numa festa, e, nesse tempo, o Arco tava passando por um processo que eles tavam trocando a pista por aquele outro chão, e eu ia pra casa de moto táxi e não tinha como passar moto táxi por lá. Aí eu vou pegar moto táxi só lá na rodoviária, e eu era acostumado. Depois desse dia, eu nunca mais fui, aí andando até chegar na rodoviária pra pegar um moto táxi e ir pra casa, aí foi um dia que eu ia passando, aí vinha três garotos, até o momento eu tava me sentindo seguro, né, porque eu andava né, por lá, mas, assim no momento que eles passaram por mim, aí um pegou na minha jaqueta e me puxou pra trás, e começou a me arrastar na pista. Eu não sei porque isso aconteceu, mas com certeza foi homofobia, porque não tinha porquê de eles fazer isso comigo se eu não olhei nem pra eles, nem olhei torto pra eles, nem era assalto. Aí eles me arrastaram, chutaram a minha barriga e levaram meu boné. (Pedro, entrevistado em 2018)

A experiência noturna *gay* em Sobral está acentuadamente relacionada com conflitos que existem devido à homofobia. Pensar o circuito destes jovens homossexuais parte,

primeiramente, do conflito como construtor desses espaços, tendo em vista que estes buscam um modo de segurança mútua ao optarem por horários e locais específicos. A ideia do conflito, neste caso, torna-se fundante para a compreensão dos percursos de jovens homossexuais na cidade, tornando-se importante elucidar que o conflito, além de construtor do circuito, como expressão da homofobia, atua por vezes de modo silenciado, por vezes com violência física.

Identificar-se com tais lugares potencializa as escolhas por sair grupalmente ou individualmente. Mesmo para pessoas que optam por sair sozinhas, o ato de “sair à noite” promove, na maioria dos casos, uma ação coletiva compartilhada por grupos de orientação. Segundo Sanches e Martins (2005), as culturas juvenis noturnas – como eles denominam os jovens em suas circulações noturnas – constituem-se, nesta perspectiva, a partir de espaços de encontro, contato e sociabilidade. A noite, para os autores, caracteriza-se como modo libertador e democrático. Contudo, o conceito socioantropológico das experiências de jovens na noite refere-se mais a um argumento que liga as opções particulares às referências culturais em grupos e aos espaços físicos e sociais

Neste sentido, no caso aqui estudado, o Arco de Triunfo torna-se um espaço público de referência homossexual na noite, especificamente no horário citado anteriormente, e é nessa circunstância que os grupos mudam e, ao mesmo tempo, mudam o espaço, tornando-se então um espaço público marcado pela diversidade. É nesse momento que as opções singulares de jovens que buscam evitar a discriminação sexual e de gênero encontra-se com as dos demais jovens que têm o mesmo objetivo.

Algo importante a ser destacado sobre este espaço refere-se ao modo como, aos finais de semana, os jovens o visualizam. É interessante frisar que Sobral, como cidade que recebe grande demanda de estudantes universitários de toda a região Norte do estado do Ceará, acaba redefinindo seus percursos noturnos de acordo com a afluência estudantil. Ou seja, primeiramente, é muito comum que o fluxo de pessoas que transitam pelo Arco e seu entorno cresça de forma significativa nas quartas e quintas-feiras. Isso se dá devido ao retorno dos(as) estudantes para suas cidades de origem nas sextas-feiras²⁰, onde comumente passam o fim de semana e retornam entre domingo e segunda-feira. Desta forma, há uma espécie de agenda específica para a noite Sobralense, sobretudo se fizer referência à noite vivenciada pelos jovens.

²⁰ Ver (Araújo, 2017).

É possível perceber que, devido às mudanças com a saída de parte de estudantes universitários para suas cidades natais aos finais de semana, há uma significativa mudança nas pessoas que ocupam o espaço do Arco do Triunfo, e, apesar de eu não me restringir nesta dissertação apenas à juventude universitária, não posso, entretanto, minimizar a influência do público universitário, principalmente ao observar que as repúblicas estudantis concentram-se em sua grande maioria nos bairros do Centro (onde se localizam os espaços públicos aqui estudados) e Pedrinhas, que são bairros vizinhos.

Com o aumento acentuado de pessoas nesse espaço aos sábados, reorganizando os percursos noturnos, é comum que, aos finais de semana, os espaços sejam ressignificados, com a mudança de pessoas e com a ausência de parte significativa de universitários aos finais de semana²¹, e o Arco seja ocupado por outros públicos. Obviamente, há exceções, principalmente quando há eventos organizados pela prefeitura da cidade ao longo do ano.

Tales atualmente é doutorando pela Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, mas divide sua moradia ao residir na capital do Estado e na sua cidade natal, Sobral. A entrevista aconteceu em Fortaleza, em maio de 2019, depois de uma tentativa falha em Sobral.

Tales relata como percebe Sobral e a atuação da homofobia de forma silenciosa:

Eu não tenho como falar muito de outros espaços, mas, assim, em Sobral ela funciona muito dessa forma também. É uma cidade que ela se pretende um tanto à frente né, agregadora das diferenças, mas no vamos ver, no cotidiano da coisa, a gente percebe uma série de dificuldades em lidar com essas diferenças em todos os espaços. (...) Aí a gente entrou no espaço, aí eu já percebi olhares estranhos, primeiro porque nós somos um casal interracial, isso por si só já chama muita atenção das pessoas em todos os sentidos e isso desperta uma série de preconceitos; segundo, porque a gente tava vestido de uma forma simples e eu acho que tem uma coisa ligada a isso, e, terceiro, porque nós não somos um casal heteronormativo que fica frequentemente tentando fingir que nós não somos homossexuais. Então, a nossa sexualidade fica estampada de cara, não só nossa sexualidade, como o fato de que nós somos um casal, que a gente não esconde isso e as pessoas percebem, então foi mais ou menos o que aconteceu nesse dia. Eu fiquei com aquela sensação de que eu era um corpo estranho dentro do ambiente, porque eu senti que as pessoas nos olhavam, houve, inclusive, uma demora pra que a gente fosse atendido, houve um incômodo instalado ali no espaço (Tales, entrevistado em 2019).

²¹ É importante observar que parte significativa de universitários que residem em Sobral estabelece contato com suas cidades natais aos finais de semana.

Tales narra sua experiência em um estabelecimento comercial próximo ao Arco do Triunfo, onde sentiu modos de violência simbólica ao lado de seu esposo. A experiência de Tales elucida duas questões importantes a serem analisadas: primeiro, como a homofobia delimita marcadamente o espaço, tendo em vista que os estabelecimentos já citados neste capítulo se localizam no entorno do Arco, com seus modos de atuação simbólica da discriminação e, segundo, como os casais que não se enquadram no comportamento heteronormativo, não suprimindo as expectativas de masculinidades hegemônicas, sofrem mais preconceitos. Parker (2002) observa que o envolvimento sexual entre dois homens não atinge diretamente a percepção de masculinidade construída culturalmente, contanto que ele exerça um papel masculino, comportando-se como “homem” nas suas relações de sociabilidade. Tales, quando narra que não “esconde” sua sexualidade e/ou seu relacionamento, está realçando o quanto, nesses espaços, não manter a masculinidade de acordo com expectativas culturais é uma das causas da ação da homofobia, como também os demais marcadores sociais como classe e cor.

É importante observar que o preconceito relacionado ao homossexual afeminado que não “esconde” sua sexualidade, como observado acima, também está inserido no próprio meio homossexual. Em algumas entrevistas, é perceptível que a heteronormatividade é naturalizada e, mesmo em espaços diversos, torna-se ferramenta de possível discriminação.

Abaixo Pedro descreve como sente o preconceito no meio gay:

Porque, como eu te disse, o fluxo de gente é maior, e tipo assim, eu me sinto seguro por tá no meio de pessoas LGBT's, e, mesmo assim, eu sei que vai haver aquele preconceito, mesmo assim, no nosso meio, tem aquele preconceito de ser o *gay* afeminado, tem aqueles estereótipos. (Pedro, entrevistado em 2018)

As expectativas com o modelo de masculinidade heteronormativo, quando se refere a homens homossexuais, não são oriundas apenas de estabelecimentos ou pessoas homofóbicas. A exigência deste modelo de masculinidade nas relações de sociabilidade também está dentro do próprio convívio homossexual. Como frisa Miskolci (2014), a heteronormatividade não se revela somente em normas objetivas da heterossexualidade, mas também em relações homossexuais. A ideia da heterossexualidade exige que os sujeitos estejam de acordo com as expectativas sociais, seguindo a norma heterossexual para sexo, gênero, desejos e práticas sexuais.

Seguindo a perspectiva de Louro (2013), é importante observar que historicamente os sujeitos são categorizados, julgados, definidos de acordo com os aspectos de seus corpos, por

meio dos padrões, das informações, das regras, dos preceitos e dos ideais culturais. Desta forma, os corpos são vistos e pensados como a cultura. A pele, os cabelos, olhos, o formato do nariz ou da boca; a existência de pênis ou vagina. “Características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder.” (p. 78).

A questão do homossexual afeminado aparece em algumas entrevistas e nas observações em campo. Mesmo os interlocutores que não se autointitulam afeminados realçam que a violência/discriminação é mais direcionada a esse grupo.

A seguir, retomo notas de campo sobre transitar pela rua com meu interlocutor, Pedro, que se identifica e classifica como afeminado:

Me direcionei ao ensaio da street dance para estabelecer uma relação mais próxima com meu interlocutor. Ao final do ensaio, nos encaminhamos para a sua casa, para que ele pudesse trocar as roupas do ensaio. Em sua casa, estava com meu interlocutor outro dançarino que reside no centro da cidade e uma amiga que me acompanhara no ensaio. Nos direcionamos ao veículo leve sobre trilhos-VLT que dá acesso dos bairros periféricos, ao Arco do Triunfo e vice-versa. No caminho, lidamos com diversos comentários homofóbicos direcionados ao meu interlocutor; ele estampa um sorriso no rosto e diz estar acostumado e que não se importa com os comentários, reafirmando que é comum no seu bairro essa reação.

É perceptível que os comentários ocorrem devido ao estilo de roupas utilizadas por ele. Roupas rentes ao corpo, mais coloridas, com foco na cor rosa (neste caso específico); cabelo loiro, lentes azuis.

A entrevista ocorreu um tempo depois. Nela o entrevistado volta a reafirmar que se considera afeminado, destacando que o preconceito contra homossexuais afeminados não é oriundo somente de pessoas homofóbicas, mas existe também no “meio LGBTTT devido a estereótipos”. A todo momento, meu interlocutor ressalta o quanto lida com a discriminação no dia a dia. É perceptível que a leitura cotidiana de seu corpo se baseia no estilo, na vestimenta e na gesticulação. Compreender que este modo de discriminação permeia homens homossexuais realça, como observa Louro (2013), que é necessário atentar-se para o sistema de crenças no qual estamos inseridos(as); temos de compreender que os corpos são “lidos” ou entendidos de modos diversos em culturas diferentes; assim, a compreensão acerca da diferenciação entre masculino e feminino vem sendo apreendida e se modifica histórica e culturalmente.

2.3 A Margem Esquerda do Rio Acaraú e a “Vinholada”

Como observado anteriormente, a noite sobralense tem elevada influência da grande demanda universitária que a cidade recebe. Quando menciono o espaço público da Margem Esquerda do Rio Acaraú, refiro-me principalmente ao evento denominado vinholada, pois este acontece nesse espaço há alguns anos. O título da festa refere-se à bebida alcoólica mais consumida durante o evento, o vinho. É notória, inclusive, a imensa quantidade de garrafas plásticas de vinho ao final das festas nas calçadas e no centro do próprio anfiteatro. A vinholada é organizada pelos estudantes do curso de psicologia da UFC/Sobral e acontece sempre às quintas-feiras devido ao público universitário que se desloca às sextas-feiras para suas cidades natais. Observo que a festa não acontece a cada semana, a cada quinze dias ou uma vez por mês, parece-me não haver uma programação antecipada; acontece quando todos(as) os(as) seus/suas organizadores(as) estão menos atarefados(as) com suas demandas acadêmicas, e a comunicação para divulgar o evento, publicizando o dia e horário, dá-se por meio das redes sociais

Durante parte da minha estada em campo, a festa foi divulgada pelo Instagram e causa sempre uma sensação de surpresa para aqueles(as) que a frequentam, tendo em vista que não há uma agenda a ser seguida. Programei-me e fui para a vinholada dia dezoito de outubro (quinta-feira), juntamente com três amigos, um deles era Renan, meu interlocutor. Cheguei exatamente às 22h, logo no seu início, apesar de estar ainda esvaziada. Foi extremamente interessante observar o início da festa para visualizar o espaço vazio e, depois, como ele vai se configurando à medida que a festa avança. Um de meus amigos e também interlocutor, Fernando, é estudante de psicologia da UFC. Estar com ele foi importante, pois eu não poderia perceber sozinha o que cada grupo representa, haja vista que um olhar generalizado apenas visualiza um grande número de jovens consumindo bebidas alcoólicas e movimentando o corpo nos ritmos de dança.

Logo no início, devido à quantidade ainda reduzida de pessoas, Fernando comentou sobre o desconforto que a festa acabou causando ao longo do tempo. Segundo ele, a vinholada, a princípio, foi uma festa em que predominava o público LGBTT, inclusive, de acordo com ele, ouvia-se na festa um número acentuadamente maior de músicas *dance/pop*, das *divas do pop* internacionais, músicas preferidas por esse público. Diz Fernando que, com o tempo, a festa

começou a ser frequentada por um maior número de pessoas heterossexuais, o que, consequentemente, tornou as músicas mais variadas para agradar a todos os públicos.

Desta forma, é interessante observar que na vinholada há um modo de divisão na ocupação do espaço por orientação sexual. Obviamente é um modo sutil e quase imperceptível. Assim, muito provavelmente, se eu tivesse me direcionado sozinha para a festa, jamais entenderia ou perceberia essa fragmentação. Fernando explicou-me que o lado direito da festa, em relação ao anfiteatro, é considerado o “lado mais hétero”. Ao ocuparmos este espaço, houve um desconforto dos interlocutores que me acompanhavam, ao ficarmos em tal lugar por certo tempo. De fato, eles não apreciam estar em tal lado, não devido a qualquer modo de violência ou opressão, mas a uma não identificação com o modo como as pessoas que ocupam esse espaço e comportam-se na festa. Nesse espaço, à direita, há uma pequena igreja e as pessoas também se sentam na calçada. Há, em todo o espaço, vendedores ambulantes (bebidas alcoólicas, água, *drinks*). Houve, durante a festa, um episódio que me chamou a atenção, pois ouvi gritos de: “beija, beija”. Segundo Fernando, era um rapaz que tentava se aproximar de uma moça naquele momento, e ele se queixou a respeito do modo como a “paquera” de homens com mulheres era de certo modo ofensiva e de como isso ocorria devido ao número maior de homens heterossexuais na festa. Não pude tomar conhecimento sobre o ocorrido, já que era um número grande de pessoas que gritavam, mas são nítidas, a todo momento, atitudes deste tipo. Para meu interlocutor, especificamente, havia desconforto com o espaço à direita, um desconforto que é acentuadamente sutil.

O espaço central do próprio anfiteatro é considerado o “mais LGBTT” da festa, no qual ficam os(as) organizadores(as) do evento e uma caixa com som alto que toca a *playlist* da festa. Esse espaço central, o do anfiteatro, é o local de mais difícil locomoção, pois há um número maior de pessoas, desde o palco até as arquibancadas, todas se movimentando em ritmo de dança. É acentuada a diferença de comportamento entre este espaço e o a direita. Devido à grande lotação nesse espaço, optei por deixar o caderno de campo de lado e busquei o celular para fazer registros fotográficos do evento. Durante a festa, pude encontrar, sem comunicação prévia, três de meus interlocutores: Pedro, Marcelo e Mateus, que é um dos organizadores do evento.

Apesar de eu não ter permanecido na festa até o final, enquanto ali estive, não houve qualquer ritmo musical além do *funk*; havia, inclusive, muita empolgação a cada hit de *funk* que era tocado durante a festa. É interessante salientar que, apesar da organização universitária, o

espaço não é frequentado exclusivamente por tal público, o número de pessoas heterossexuais indica o quanto a festa tornou-se diversa, havendo um grande número de pessoas que não tem qualquer relação com o meio acadêmico, mostrando, também, o quanto este evento cresceu ao longo de alguns anos.

Em meio à festa, e enquanto eu caminhava pelo espaço, percebi que acontecia uma intervenção artística. Dois homens e uma mulher, logo à entrada do espaço da Margem Esquerda em que ocorre a vinholada, ambos de vestido, com os braços erguidos, faziam, na minha interpretação, referência à invisibilidade LGBTT. Lentamente, os dois pintavam-se com tinta vermelha, os braços, o rosto, simbolizando um corpo sujo de sangue. Os dois atores passaram alguns minutos caminhando enquanto passavam a tinta por todo o corpo. Em determinados momentos, abaixavam-se para escrever em folhas de papel; os gestos eram lentos e o olhar firme para quem se interessava em entender a situação. A atenção das pessoas que conversavam e bebiam se dividia entre a festa e a intervenção. Com olhares passageiros, era perceptível a referência à invisibilidade (Ver Imagem 6).

Imagem nº 6 – Intervenção Artística



Foto: Bruna Araújo (Acervo da pesquisa) 2018

Quando se aproximava do final da intervenção, havia poucas pessoas observando, tendo em vista que tudo estava acontecendo durante a festa. Nesse momento o ator caminhou em nossa direção oferecendo um pequeno copo plástico de café. Para mim, que tenho restrições à cafeína, foi oferecido o mesmo “*afeto*”, mas em forma de abraço. Nesse momento, eles saíram em direção as pessoas que os observavam. Entre cafés e abraços, cada um que estava ali decifravam a intervenção e, ao final, era abraçado no sentido metafórico.

3 MEMÓRIAS NOS BARES: SPETTUS E BAR DA KAL

3.1 O Bar da Kal e as vivências de Matheus

É importante observar que eu nunca estive ou tive a oportunidade de visualizar fotografias do bar da Kal, que funcionou durante um período curto em 2009, no entorno do Arco do Triunfo. Neste capítulo transitarei juntamente com o leitor pelas memórias de meus interlocutores, e, neste tópico específico, trabalho as narrativas de Matheus. Primeiramente, trago Matheus devido a sua idade, como ficará mais claro adiante. O bar em questão fechou há muitos anos, antes mesmo da minha chegada à cidade para iniciar o curso de graduação. Contudo, meu conhecimento acerca do bar da Kal, que funcionou anteriormente aos demais bares trabalhados nesta pesquisa, não aconteceu apenas no período de pesquisa de campo para a construção da dissertação. Durante os anos em que morei na cidade, era comum jovens mais velhos ou já graduados lembrarem da “época” do bar da Kal de forma muito querida e nostálgica, como um bar que acolhia abertamente a diversidade, um modo de referência.

Um de meus interlocutores, em específico, apresentou fortemente suas memórias ligadas ao bar da Kal, sendo importante frisar que ele é um dos rapazes mais velhos que entrevistei, tem cerca de 28 anos. Devido a isto, Matheus não só estabeleceu uma ligação mais próxima com o período de funcionalidade do bar, como também com as diversas pessoas que o frequentavam, o que não ocorreu para parte de meus interlocutores mais jovens. As vivências urbanas de sua homossexualidade estão ligadas também a este bar.

Matheus foi a primeira pessoa que entrevistei em Sobral, para a dissertação. Conhecemo-nos através de um amigo em comum, contudo, nosso contato pessoal só ocorreu no momento da entrevista. Ele é estudante do curso de psicologia da UFC/Sobral. A primeira questão pontuada e evidenciada por Matheus, na entrevista, foi a sua dificuldade em aceitar-se homossexual. Esta dificuldade estava relacionada com sua religião. Como ele observa: “Eu participava de uma comunidade católica, aí tem sempre aquele discurso religioso de que a prática homossexual é uma prática condenada, é uma prática que não agrada o coração de Deus. E eu sempre busquei essa questão da espiritualidade pra mim”.

Aos dezesseis anos, frequentou a comunidade católica e considera que: “lá foi a fase mais de repressão que eu vivi”. Ao pontuar este período como conflituoso e violento, ele trouxe à

entrevista questões interessantes que ele fez a si mesmo. Assim, autoquestiona-se sobre o período, indagando se tal experiência o afetou tão fortemente a ponto de incorporar mecanismos preconceituosos. Ele descreve:

(...) Ela começou a me chamar pra ir pra comunidade e eu comecei a ir pra uma comunidade católica que existia aqui. E lá foi a fase mais de repressão que eu vivi, mas quando toca nessa fase eu fico muito assim, tipo: será que eu internalizei as práticas homofóbicas que eles faziam e eu fingi que não atingiu a mim, só atingiam os outros porque eu sempre falo assim: ah, eles praticavam homofobia mas só que nunca tocou a mim? Mas aí eu fico refletindo: será que porque eu nunca me aceitei enquanto *gay*, e isso não afetou tanto a mim porque hoje eu já sofri todo esse processo de aceitação (Matheus, entrevistado em 2018).

Na mesma medida que considera este período como de maior repressão, Matheus ressalta como avaliava que tais práticas não afetavam sua vida pessoal e como as manifestações de homofobia pareciam ser direcionadas a outras pessoas. Como ele mesmo reconhece acima, esta ideia de não afetação referia-se muito mais à sua dificuldade de autoaceitação, ou seja, a negação de sua homossexualidade aparece em boa parte de sua história de vida como uma etapa acentuadamente conflituosa.

Até então, Matheus considerava não sentir qualquer sentimento de culpa por viver o que ele chamou de “dupla vida”. Nesse momento houve o envolvimento com as quadrilhas juninas e os laços de amizade com um casal assumidamente homossexual. Ou seja, ele convivia bem com as pessoas não heteronormativas que faziam parte de seu cotidiano. Ao voltar-se para a igreja, mais especificamente para a comunidade católica, ao deparar-se com etapas para chegar à consagração, intitulada de “pequeno discipulado”, observou que tal etapa consistia em seguir diversas normas; segundo ele, “a gente só recebe as regras de vida, como é que a gente deve viver dentro da comunidade, a exposição da comunidade”. Matheus reforça que sua tentativa em tais grupos religiosos se referia ao objetivo de se conectar a Deus e ir de encontro a sua espiritualidade.

Sobre esses momentos, descreve seu sofrimento, narra que muitas vezes chorou “porque eu não queria me aceitar, ainda era muita coisa assim, eu chorava demais na frente de Jesus eucarístico, né... é a imagem lá que eles colocam. Eu chorava demais me questionando: ah, porque eu sou desse jeito?”. Ao longo das conversas, Matheus ressaltou que buscava esses caminhos porque absorvia o discurso ao seu redor acerca da homossexualidade como “ausência

de Deus”, então buscou o que chamou de “vivência plena com Deus”, almejando controlar seus desejos. Segundo ele: “[...] Mas continuava os mesmo choros, as mesmas angústias, coisa assim”. Em meio às angústias que o ambiente religioso lhe acarretava, o fator que o fez abandonar a comunidade religiosa e suas normas ocorreu no momento em que foi imposta uma regra para optar entre o ensino superior e a comunidade católica. Nesse momento, boa parte de seu grupo desistiu da comunidade religiosa para continuar estudando.

Matheus, que havia sido aprovado em finanças na UFC/Sobral, estudava à noite e trabalhava nos turnos da manhã e da tarde. Ele cita o ano de 2014 para narrar sua saída da casa dos pais, devido a conflitos com o irmão. Ele observa que “Teve uma vez que ele deu um chute em mim, aí eu sai de casa meia noite, andei aí por todos os locais, só apareci aí no outro dia e eu disse que ia sair de casa”. Com um amigo homossexual que também enfrentava conflitos familiares em casa, Matheus decidiu alugar um apartamento. Ele passou cerca de um ano morando na residência com o amigo, que, apesar da relação de amizade e da convivência ao residir no mesmo espaço, não sabia de sua orientação sexual. Isso era muito comum, pois, como Matheus mesmo se considerava, era uma pessoa extremamente quieta e muito presente no ambiente religioso. Em meio a tantos conflitos internos e familiares, ele narra: “[...] devido ao discurso da comunidade, que é um discurso muito homofóbico, cheguei a querer me matar em relação a isso”.

É importante observar que o ambiente religioso fortemente discriminatório paralelamente aos conflitos familiares são ferramentas notáveis para compreender como as categorias família e religiosidade atuam e delimitam cotidianamente regras na(s) vida(s) de jovens. Duarte (2006) ressalta, tendo como contexto uma área da elite carioca, como modos de experiências religiosas articulavam-se fortemente com a vivência familiar em meio a um campo que articulava a religiosidade e as vivências, as memórias familiares, como também os afetos referentes ao pertencimento familiar. O mais importante para pensar o contexto sobralense experienciado por Matheus, oriundo de um bairro periférico da cidade, é como a relação com a religiosidade toma o lugar das vivências familiares, tornando possível um campo aliado que transita em si constantemente através de traços referentes à identidade e aos preceitos relacionados às vivências. A religião atua por intermédio de complexas relações entre as esferas da vida pública e da vida privada, por meio de suas características íntimas, de seus ensinamentos, da subjetividade e da instituição. A família também opera de modo semelhante, pois, mesmo

concentrada no espaço doméstico, traduz-se em uma instituição legalmente aceita, provida de responsabilidades e direitos observados pelo Estado.

Entendendo o modo de relação conflituosa que Matheus vivenciou ao longo de suas relações com a comunidade católica e os conflitos familiares, torna-se possível compreender sua relação com o bar da Kal e problematizar a homossexualidade a partir das suas experiências urbanas.

Ele narra seu contato inicial com o bar:

Aí eu comecei a ter uma amizade com ele [um amigo], aí o namorado dele na época gostava muito de mim. (...)Aí foi que eu tive mais contato com esse mundo. Até então eu não falava que era *gay*, eu só falava assim: se um dia surgir alguém pra eu ficar, do mesmo sexo, eu ficaria. Ah, eu sou totalmente *gay*? Não, falava assim né. E também ele já me conhecia, já sabia que eu era da igreja, aí eu sempre tinha aquele lado puritano, né? Mas mesmo gostando deles, né, aí eles começaram. Eles me levaram num bar daqui que é muito antigo, que era o bar da Kal, que foi o primeiro bar (Matheus entrevistado em 2018).

Pela citação acima, é possível observar que, ao firmar amizade com um casal homossexual, ele narra sua descoberta de práticas, vivências e os caminhos que a homossexualidade tomava na noite Sobralense. Matheus, ao referir-se às andanças de seus amigos, sinalizou esse entendimento como a descoberta de um novo “mundo”, mais livre e distante de normas presentes no contexto familiar e religioso. Sua experiência era acentuadamente afetada pela religião católica ao afirmar o “lado puritano” para identificar sua relação ainda ativa com os preceitos religiosos.

O fato de vivenciar as possibilidades do bar, espaço de sociabilidade, como primeiro contato de Matheus com pessoas e relações abertamente homossexuais, fez com que o bar tenha se construído como experiência de acentuada importância para ele. Silva (2012) observa que o bar se constrói para além de um espaço comercial dotado de consumo. Para a autora, os bares são locais de contato, espaços no qual o campo público torna-se prazeroso. Deste modo, a autora realça que, apesar de existir determinada organização a ser seguida, os bares são desenhados com uma liberdade específica.

Silva (2012) ainda realça a maior liberalidade que o espaço do bar proporciona, tornando possível uma maior flexibilidade das normas e dos padrões sociais. A abertura de possibilidades paralelamente ao uso de bebidas alcoólicas resulta em maior alegria, distanciando

as pessoas de uma conduta formal. Estas se mostram mais soltas e mais livres e expressam isso por meio de abraços calorosos, risos em alto tom, no embalo das danças ou nos beijos. Pensar o que acontece nos espaços dos bares a partir de Silva nos leva a desenhar formas de vivenciar este espaço aproximando-se de um olhar leve e fixo aos detalhes desses momentos. Se pensarmos, sobretudo, na experiência da homossexualidade, podemos compreender o quanto esses momentos são fortes e marcantes para aqueles que sentem cotidianamente a pressão da heteronormatividade.

A seguir, Matheus descreve o que sentiu ao chegar ao bar da Kal:

[...] Foi algo meio estranho pra mim, porque eu entrei naquele local, né, que era totalmente diferente de onde eu estava inserido. Aí a primeira coisa, quando eu entrei, foi um menino piscando pra mim, aí eu fiquei sem jeito, né? E ele olhando pra mim e eu ficando sem jeito (Matheus, entrevistado em 2018).

É importante observar que, inserindo o bar no contexto da homossexualidade, é possível compreender o quanto todos os gestos e as experiências estão permeados de maior simbolismo, em que cada beijo, abraço e dança tornam possível a liberdade que, fora daquele espaço, pelo menos naquele período de vida, ainda não é possível. Aqui, foco na narrativa de Matheus, que não tinha sua homossexualidade assumida. Nesse caso, a vivência no bar é permeada de valor acentuadamente simbólico em cada pequeno gesto e a surpresa de poder vivenciá-lo, aos olhos daqueles que, fora dali, em outros espaços públicos, não podem viver seus afetos e desejos.

Silva (2012) ressalta que, nesses lugares, por meio da felicidade do encontro e do álcool, é possível agregar as pessoas. É provável que as amizades ultrapassem o espaço dos bares e sigam nas outras esferas da vida. Outras perduram apenas durante a noite. Desta forma, são construídos vínculos com os jovens e com o bar. Por isso, vê-se fortemente a menção a bares após o fechamento do estabelecimento.

Os espaços dos bares, de modo geral, são vistos como locais de encontro, sociabilidade, consumo e de fato o são. Contudo, no campo da homossexualidade, a construção do bar como lugar²² aberto à diversidade marca intimamente a possibilidade de, efetivamente, viver relações, desde amizades até um envolvimento íntimo. O que quero realçar aqui está

²² Estou utilizando “lugar” no sentido de Marc Augé na obra “Não Lugares”. O autor acrescenta à noção de lugar antropológico a possibilidade dos percursos que se realizam, dos discursos que proferem e da linguagem que o descreve; É a identidade dos sujeitos que compõem o lugar (AUGÉ, 1994).

relacionado com o entendimento de que viver a diversidade no bar marca, para aqueles não assumidos, a possibilidade, por vezes, do primeiro contato, das primeiras relações, dos primeiros toques de afeto em público, público este que compartilha dos mesmos desejos e/ou respeita a diversidade.

Especificamente, Matheus lida fortemente com a questão da chamada “saída do armário”, por isso, ele descreve, de forma muito sensível, sua visão ao chegar a um bar aberto à diversidade sexual em Sobral. Observo que, nas narrativas de meus interlocutores, esta é a que mais transita no estar dentro e fora do armário, por isso, apesar de não trabalhar aqui especificamente com a metáfora do armário²³, é importante compreender que pensar a homossexualidade, sobretudo no contexto interiorano, envolve também perceber a influência deste conceito.

Sedgwick (2007), contudo, destaca que: se direcionarmos o olhar para as pessoas assumidamente homossexuais, há um número muito baixo daqueles que não estão no armário com pessoas relacionadas à esfera pessoal, econômica ou que desenvolvam um papel institucionalmente importante. A autora cita uma fala de Peter Pan para discutir que cotidianamente estamos envoltos por diversos “muros” que aparecem até em estados de sonolência. Observa-se que, socialmente, em meio a cada percurso, seja com conhecidos, nas relações da universidade, seja profissionalmente com chefes, seja no âmbito familiar, seja numa situação adversa nas ruas, são demandados de parte de homossexuais recursos de segredo e exposição, tendo que lidar, em praticamente todas as relações, com a dúvida sobre se aqueles(as) com quem se relacionam sabem ou não.

De modo geral, Sedgwick (2007) observa que a existência do armário *gay* em nossa cultura elucida a situação da homossexualidade cotidianamente. A cena do armário mostra fortemente a homofobia de uma forma que não se refere a outros modos de opressão. Ou seja, o armário é a imagem da opressão *gay* no século XX e nos dias atuais.

Desta forma, a chegada ao bar pode se tornar o primeiro local público de contato homossexual. A importância de me referir à memória, no caso específico aqui exposto, evidencia-se justamente pela necessidade de compreender que a experiência homossexual no bar atravessa não somente o período da pesquisa de campo, e, na atualidade, minhas andanças junto aos interlocutores(as) da pesquisa. Esta experiência marca também um momento de vida, que, para

²³ Ver (Araújo 2017).

alguns, representa o início da publicização das suas relações de afeto, do flerte e das demais interações.

3.2 Bar da Kal e Spettus: temporalidades diferentes e entorno do Arco do Triunfo

Primeiramente é necessário observar que, no tópico anterior, discuti especificamente o bar Da Kal a partir das memórias e narrativas de Matheus, tendo em vista que sua narrativa referente ao bar ocorreu em 2009/2010, ou seja, há aproximadamente nove anos, entre os seus dezessete e dezoito anos. O bar Spettus foi aberto mais recentemente, por isto é comum que este espaço envolva parte significativa de meus/minhas interlocutores(as) como referência; também por serem mais jovens. É importante observar que o bar da Kal, como trabalhado no tópico anterior, esteve, durante um período curto de tempo, localizado no espaço onde recentemente funcionou o bar Spettus.

Além de usar um novo termo para referir-se ao Spettus/sapatos, Matheus muito brevemente se refere a algo muito pertinente sobre o que eu não havia tomado conhecimento: os dois bares residiram no entorno do Arco durante um período de tempo. Em temporalidades distintas, os dois bares marcaram andanças e experiências ligadas à diversidade sexual e de gênero no centro da cidade, próximo ao Arco do Triunfo.

De modo geral, para aqueles(as) que vivenciaram as duas temporalidades, aquele espaço próximo ao Arco guarda relevante referência na memória de espaços voltados ao público homossexual, sobretudo, para os residentes mais idosos daquela rua que tiveram contato forte com as andanças de homossexuais que se direcionavam aos bares.

Para uma melhor compreensão do leitor, observo que, neste tópico, trabalharei dois bares que são importantes para a vivência da homossexualidade de meus interlocutores. Os referidos bares não se encontram mais em funcionamento. O primeiro deles é o Bar da Kal, trabalhado no tópico anterior, o qual funcionou durante um período nos anos de 2009/2010 no entorno do Arco do Trinfo (Ver Figura 1). O segundo Bar tem como nome oficial Spettus, contudo, ao se tornar referência como Bar *gay* na cidade de Sobral, também ficou conhecido como “Sapatos”. Desta forma, dedicar-me-ei a discutir a importância dos bares para a noite *gay*.

Desde 2015²⁴, ano em que fiz a primeira entrevista com o intuito de escrever uma monografia (ARAÚJO, 2017), o bar Spettus era conhecido como sapatos, derivação que se referia ao termo sapata/sapatão. Este era considerado na época o principal bar *gay* da cidade, o qual se localizava próximo ao Arco do triunfo e de estabelecimentos comerciais, como restaurantes, pizzarias etc. É interessante frisar que este estabelecimento fechou há alguns meses, antes mesmo de eu retornar ao campo com a finalidade de buscar dados para compor a dissertação. Essa situação reflete como o circuito não é lugar estável e fixo, pois, anteriormente a tal fato, já havia movimentação do público homossexual que frequentava o bar Spettus para outro bar da cidade. O Spettus fechou, e o bar atualmente frequentado por aquele público e apontado como bar *gay* da cidade é o Donna C, que será discutido no terceiro capítulo desta dissertação.

É possível analisar que, ao se tornar popularmente conhecido o termo sapatos como referência ao espaço frequentado por LGBTT's, são revelados lugares que a heterossexualidade e homossexualidade ocupam cotidianamente. A heterossexualidade compulsória, como destaca Butler (2010), constitui-se como uma instituição naturalizada que exige e norteia o gênero como uma forma binária, e, para compreendê-lo, é entendido o masculino como distinto do feminino, tornando essas práticas construídas através do desejo heterossexual. Parafraseando Foucault, a autora menciona que o sexo, anteriormente a qualquer conceito, é ele mesmo produzido sob a ideia de uma sexualidade construída historicamente.

Desta forma, observando os lugares de sociabilidade homossexual na cidade, tornou-se comum que as pessoas se referissem ao bar com o termo sapatos, possivelmente com referência ao espaço abertamente acolhedor à diversidade, como também por as proprietárias serem assumidamente casadas e estarem envolvidas diretamente com o funcionamento noturno (atuando no caixa financeiro, auxiliando garçons, resolvendo possíveis complicações). De modo geral, durante o funcionamento do bar e como forte referência *gay* na cidade, tornou-se significativamente incomum referir-se ao bar pelo nome oficial do estabelecimento (Spettus).

Compreendendo como a heterossexualidade compulsória alimenta o imaginário social e a força do termo sapatos, faz-se necessário, a partir de Sahlins (1981), frisar que, para o autor, o conceito de estrutura se refere às relações culturais que são construídas historicamente e que são alteradas por meio da ação. Nesta perspectiva, busca-se salientar que a ordem cultural como

estrutura tem, em seu meio, ações atualizadas por meio da(s) experiência(s). Ao observar tal questão, compreende-se que vivências culturais assumem o papel de responsabilidade de autoria e, também, é reflexo das ações em cultura. O que quero realçar é, como diz o autor, que as pessoas empiricamente não são apenas reféns de seus conceitos, mas, e, sobretudo, estes são “seus senhores” e com isto podem construir e reconstruir significados.

Assim, é possível perceber como estes(as) (re)significam espaços, concepções, ações e linguagem. Deste modo, não é possível saber com certeza se o termo surgiu com um propósito negativo, para delimitar um espaço fortemente frequentado por homossexuais, como forma de preconceito e homofobia, ou se o termo já nasce como forma de ressignificação da palavra anteriormente utilizada para ofensas, assim como aborda a teoria *Queer*. O que é apreendido, de modo geral, demonstra que pouco importa como nasce esse termo e sua forte referência ao espaço, tendo em vista que sua ressignificação é notória e forte, à medida que comumente as pessoas se sentem bem ao afirmar que eram frequentadores(as) do bar, ao marcarem seus encontros e naturalizarem o termo independentemente de quem esteja perto ou no espaço.

É importante observar que, de uma perspectiva histórica, o espaço dos bares colocou em evidência a repressão à homossexualidade. Rubin (2003) observa que a “esfera da sexualidade” guarda em si o que se intitula de “política interna” em que residem as desigualdades e opressões. Como outras dimensões do comportamento humano, os aspectos institucionais da sexualidade são resultado da atuação humana em dado espaço e tempo, permeados de confrontos, interesses e atividades políticas, ambas desenvolvidas intencionalmente. Nesta perspectiva, para a autora, o sexo sempre foi, em si, político, e a sexualidade construiu-se, então, em diferentes períodos históricos, de forma mais notadamente questionada e politizada nestas situações, a experiência sexual torna-se renegociável²⁵.

Rubin (2003) mostra que, nos Estados Unidos, o período tem semelhanças desagradáveis com os anos 1880 e 1950. Após campanha em 1977, semanas anteriores ao voto no “Condado de Dade²⁶”, a mídia, repentinamente, noticiava invasões nos lugares de pegação *gay*,

²⁵Neste contexto, em 1950 a mídia e a polícia iniciaram uma guerra a homossexuais. A repressão em oposição a *gays*, bares e espaços de sociabilidade, deu-se em São Francisco, promovendo “varreduras” e vigilância em áreas de “pegação”, tornando evidente que havia propósito de remover as “queens”. É certo que as “cruzadas” anti-homossexuais tornaram-se um grande exemplo registrado de repressão erótica em tal década.

Segundo Bêrburé, comunicação pessoal; D’ Emilio, (1981, 1983), conforme citado por Rubin (2003, p.5).

²⁶ Campanha para revogar ordem de direitos dos *gays* na Flórida. (RUBIN, 2003)

detenção por prostituição e procura por material pornográfico. Desde esse período, a ação policial contra a comunidade *gay* aumentou de forma significativa. Ocorreu acentuada quantidade de violência, repressão estatal e tentativas legais contra as minorias sexuais e a indústria comercial do sexo. A intitulada mídia *gay* registrou diversas prisões²⁷, não só bares *gays*, como também saunas vivenciaram a presença frequente da polícia. Segundo a autora, o momento de terror erótico atingia fortemente as áreas que tinham ligação, mesmo que simbólica, com a sexualidade de jovens.

É importante observar que a concepção de que o sexo é uma ação natural, existente antes da vida social, reflete-se nas instituições. O essencialismo sexual é absorvido pelo saber popular (por meio de instituições diversas) de sociedades ocidentais que julgam o sexo como a-social e que ultrapassa a história. Entre diversas categorias, a sexualidade se constrói sem história e questões sociais significativas (RUBIN, 2003).

Foucault (2010) percebe que as relações entre Estado e indivíduo tiveram o sexo como forma de disputa (também) pública, promovendo diversos discursos e saberes que o construíram. Por meio da economia política da população, é produzida uma teia de investigações sobre o sexo. Entre o indivíduo e o Estado, o sexo se constituiu como ferramenta de conflito; uma série de discursos, conhecimentos, observações, determinações o atingiram. O autor realça que a forma de disputa “jurídico-discursiva” é o que controla os modos de repressão como formas de construção do desejo. Quando relacionado ao sexo, o poder determina relações de negativas como: rejeição, expulsão, ocultação. O poder sobre o sexo não ultrapassa a esfera do “não”. Se vem a ocorrer algo, refere-se exclusivamente a ausências e falhas; elimina elementos, provoca discontinuidades. Seus resultados residem no formato geral do limite e da falta, a “instância da regra” estabelece o poder como algo fundamental que determina a lei no que se refere ao sexo.

No início deste tópico, trago o “lugar da homossexualidade” na cidade, o qual é construído de forma repressiva em que historicamente grupos de homossexuais sofreram em espaços de sociabilidade, como observa Rubin. Quando esses contextos históricos são abordados, é possível, de fato, observar tamanha distância para o contexto interiorano da cidade de Sobral. Ali ocorrem diversas ações sociais de reivindicação e conscientização acerca dos direitos homossexuais, como abordo no capítulo anterior, contudo, os sinais de uma construção social e

²⁷ A repressão policial não se direcionou somente a homossexuais. Em 1977, houve acentuado controle contra a prostituição e o que se considerava “obsceno”. Tal modelo legal era reflexo de poder rigoroso sobre as práticas sexuais adultas e não era noticiado além da mídia *gay* (Rubin, 2003).

cultural de repressão à diversidade perduram, ainda que de modo mais silenciado. Aqui não se lida com varreduras e detenções nos espaços de sociabilidade, mas com um novo modo de construção dos espaços de segurança homossexual, uma maneira que não é necessariamente falada, explicitada, mas que existe e conduz as pessoas por caminhos e horários que vão se configurando como adequados a determinados públicos, mais ou menos seguros, etc. Em outros momentos, entretanto, as reações podem se manifestar, inclusive, pela violência física.

Meu trajeto entre o Arco, seus arredores, a margem, os bares, juntamente com os interlocutores revela que esses lugares emergem em razão da insegurança nos demais estabelecimentos. Não há normas específicas, mas o desconforto por parte de meus interlocutores existe e isto é que orienta o direcionamento dessas andanças noturnas. O leitor deve entender que, devido a isto, mesmo com o fechamento dos bares, estes continuam a ser fortemente referidos. Os bares, além de marcarem suas memórias, suas primeiras relações públicas despreocupadas naquele espaço, tornam-se meios de ação no espaço: a diversidade existe e esta foi vivida por um determinado período, e ainda está sendo, em novos estabelecimentos.

Diferentemente do bar da Kal, o qual abordei a partir, especificamente, das memórias de Matheus, o espaço do Spettus foi conhecido por mim ao longo dos anos em que morei na cidade de Sobral e devido à pesquisa monográfica que realizei como aluna da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA. Nela, trago brevíssimos relatos de meus interlocutores. Ao final daquela pesquisa, eu sinalizei o desejo de iniciar um trabalho naquele espaço visando a pesquisa da dissertação. Iniciei meu diário de campo disposta a pensar problemáticas a serem discutidas no projeto de pesquisa a ser submetido ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Foi nesse momento que direcionei maior atenção ao espaço físico do bar, elemento importante a ser tratado aqui.

Portanto, trago aqui minhas observações de campo, feitas pouco antes de iniciar as atividades do curso de mestrado em Antropologia. Lembro-me que o bar *gay* “do momento” era então o Spettus, e todos(as) os jovens homossexuais e aqueles(as) simpatizantes direcionavam-se àquele bar; ele era rota certa. Sorrisos, abraços, encontros marcados, encontros no Arco, logo à frente onde se esperava o restante da turma: “a gente se encontra no Arco e vai”.

A estrutura física era a de uma casa térrea comum na redondeza, situada na Av. Dr Guarany. Logo ao chegar, era possível ver na calçada as mesas e cadeiras à espera dos clientes.

Se a clientela se direcionava mais cedo para o bar, ainda era possível ver a “vizinhança” idosa ocupando a calçada ao lado do bar. Entre um estabelecimento comercial e outro, havia casas com moradores. Lado a lado, na calçada do bar, havia mesas; enquanto, na casa vizinha, os idosos sentavam-se para dialogar, e um deles colocava itens para venda em frente à casa, ou seja, enquanto conversava com outros idosos, também trabalhavam vendendo algum produto. No período em que a vizinhança idosa ainda estava na calçada, o som era mais contido, mais baixo, mesmo funcionando normalmente a venda de bebidas alcoólicas, cigarros e petiscos.

O estabelecimento era uma casa comum adaptada. Ao entrar pelo portão levemente estreito, ao lado direito, havia uma sala para aqueles(as) que optavam pelo jogo de sinuca. O corredor de entrada tinha parte do seu espaço também preenchido por mesas, estas encostadas na parede no lado esquerdo, e o espaço restante era para o trânsito de pessoas. Era comum que seus/suas frequentadores(as) ficassem transitando entre idas para fora e para dentro da casa, além de caminhadas até o Arco. Quando o corredor findava, o que se via era uma ampla sala, onde ficava o som do bar, com espaço reservado para as pessoas que tivessem interesse em dançar. Geralmente, era o espaço mais lotado. As pessoas dançavam desacompanhadas, dançavam em grupo, criavam coreografias, cantavam em alto som suas músicas favoritas. Era lugar de quem buscava o movimento. Por muitas vezes, a empolgação traduzia-se em performances exageradas e muitos gritos, ocasião em que as donas do estabelecimento baixavam o som e pediam a seus/suas clientes que não fizessem tanto barulho para que os vizinhos não acionassem a polícia.

Ainda na sala reservada para dança, havia, ao fundo, um balcão e atrás dele a exposição de algumas bebidas e outros materiais de armazenamento. Esse espaço permitia acesso tanto para a sala de sinuca como para o outro cômodo do bar, com mais mesas e cadeiras para os clientes. Esse espaço se situava do lado esquerdo, após a sala de dança. É certo que, ao longo dos anos de funcionamento, o bar sofreu algumas modificações físicas. Durante um período, foi construído, no espaço à esquerda, um pequeno ambiente para fumantes com teto aberto. Ao lado, ficava o banheiro feminino, um espaço com mesas e o banheiro masculino. Logo ao final, dando acesso à área externa, localizava-se a cozinha, onde eram preparados os petiscos e churrasquinhos.

Os espaços da calçada e mais ao fundo do bar eram direcionados para quem buscava um bate-papo, discussões sobre política, desabafos pessoais, do trabalho, comemorações de modo geral. A busca por parceiros, também, estava presente, pois havia a possibilidade de conhecer

novas pessoas e se relacionar. Do convite à sala de dança, dos jogos de paquera, deixo realçado que, no tocante à homossexualidade, aqui se fala também de ações, reivindicações e ocupações do espaço que são possíveis através das experiências noturnas na cidade.

3.3 Spettus/Sapatos e período de transição

O Sapatos, durante alguns anos, mais ou menos entre 2015 e 2017, foi o principal nome citado quando se falava em bar *gay* em Sobral. Esse fato não diz sobre a existência apenas de um bar *gay*, principalmente por a cidade ter outros eventos e festas voltados para esse público. Entretanto o bar sapatos construiu-se como referência para jovens homossexuais. Essa referência tornou-se evidente para mim no período pós um ano de mestrado, em 2018, quando voltei a Sobral para iniciar novo período de campo. Meses antes de minha volta ao campo, tive conhecimento sobre o fechamento do bar Sapatos. Inevitavelmente, repensei os espaços que trabalharia e minhas andanças pela área do Arco. Contudo, no momento das entrevistas, era comum que meus interlocutores citassem ainda o bar. Suas narrativas acerca das experiências urbanas rememoravam os bons momentos naquele espaço.

De modo geral, teciam muitos comentários acerca de um certo declínio do bar. A questão referente ao som, o barulho feito durante a madrugada, causava muitos incômodos na vizinhança mais idosa. No entanto, este, pela movimentação comentada, não foi fator determinante para fechamento do espaço. Parte de meus interlocutores ressaltam que o espaço vinha sofrendo mudanças físicas e eles sentiam que as mudanças não se referiam apenas à estrutura, mas que o bar parecia também remodelar-se para outros públicos.

A seguir, Pedro narra sua percepção acerca do fechamento do bar Spettus²⁸:

Tinha um lugar aqui em Sobral que era assim o fluxo, que era o Spettus, era o fluxo, todo dia eu queria tá lá, todo dia, porque era muito bom se sentir acolhido. Aí teve uma conversa, eu concretizo que essa conversa foi real porque a dona do bar se declarou apoiadora do Bolsonaro. Teve um tempo que o bar passou por uma mudança, e colocaram, a gente ia muito pra dançar, colocaram uma sinuca

²⁸ Como destacado no início deste capítulo, o bar Spettus ficou conhecido popularmente na cidade como Sapatos. Os modos de resignificação foram discutidos ao longo do tópico anterior, observou-se que o termo Sapatos era comum e bem aceito entre seus frequentadores. Contudo, a partir do período em que ocorreram os conflitos e as mudanças de público, meus interlocutores, em suas narrativas, se direcionam ao bar pelo nome oficial do estabelecimento, por isso, ao tratarem desse período, utilizam Spettus. Esta foi uma das mudanças significativas desde a pesquisa exploratória.

bem no meio da sala, impedindo que a gente dançasse, e mudaram, mudaram totalmente o bar, e tipo ela quis, era justamente ela, ela quis transformar o bar, uma coisa que já era do público LGBT em um espaço hétero (Pedro, entrevistado em 2018).

O campo político, apesar de não ser um dos focos desta pesquisa, aparece primeiro porque o campo se iniciou num período em que a candidatura de políticos à presidência estava em evidência; em alguns meses, ocorreriam as eleições. É inevitável não observar como, aos poucos, o campo se remodelava, sendo importante frisar que não se falava em candidatos x ou y, ou partidos políticos. O foco era acentuadamente relacionado com o receio de possíveis retrocessos no que se refere ao respeito aos homossexuais, simbolizados em um único candidato. Pedro, em suas narrativas, realça o quanto um espaço direcionado à diversidade sexual e de gênero é importante para vivenciar experiências distantes da homofobia e com segurança. De fato, o Spettus, como ele se refere, com um certo tom de distanciamento, era citado como sinônimo de acolhimento e espaço livre de heteronormatividade.

Pedro descreve, logo no início, o quanto o acolhimento lhe proporcionava vontade de estar no bar todos os dias. Essa fala torna-se ainda mais sensível se percebermos a opressão e discriminação com homossexuais nos caminhos da cidade, sobretudo, com aqueles que se autointitulam de “afeminados”, como ele.

É possível observar o descontentamento de Pedro ao analisar que o propósito de uma das proprietárias do Bar era mudar o público que frequentava o espaço. Uma das mudanças mais bruscas foi impossibilitar que os(as) jovens pudessem dançar ao som de músicas como *pop* internacional e *funk* nacional. Silva (2012) observa que a música simboliza um componente de agregação das pessoas nos bares e se revela como elemento importante na escolha do espaço aonde ir. O estilo musical descreve seus/suas frequentadores(as), apesar de haver pessoas que não gostam das músicas do bar.

A frase utilizada por Pedro traz outra questão importante para pensar o Spettus e o momento de transição, em que seus clientes começam a buscar um novo espaço de sociabilidade. Ele narra: “Ela quis transformar uma coisa que já era do público LGBTT em um espaço hétero”. É possível observar que as transformações ocorrem especificamente com mudanças físicas no bar. Estas mudanças ocorreram de modo silencioso e simbólico ao tentar afetar os principais espaços procurado pelos homossexuais como o local reservado para a dança.

À medida que se iniciou uma tentativa de remodelar a estrutura física do bar Spettus com o propósito de atingir novas pessoas com outros sentidos de consumo em acessórios, roupas²⁹ e objetos, é percebida a afetação que o público homossexual sente pela não identificação com as mudanças e pela não busca daquelas formas de consumo, que, notadamente, referiam-se à heterossexualidade. Assim, a partir de França (2010), é possível compreender que atentar ao modo de consumo “do” espaço é importante para observar que os objetos de consumo são importantes e não estão (necessariamente) relacionados com os momentos de compras financeiras, haja vista que esses usos podem expor significados que estão para além do consumo.

Esses significados são traduzidos e expressos em estilos de roupas, acessórios que as pessoas carregam, e isso não se refere necessariamente a questões de classes sociais e/ou financeiras, e, sim, ao modo como esses objetos falam sobre as pessoas, tendo o espaço específico do bar como referência. Esse modo de consumo não se constrói de maneira evidente. Meu interesse em trazer esta questão aconteceu quando meus interlocutores narravam os motivos da transição do Spettus para o Donna C. Obviamente, esse processo também teve influências políticas como discuti acima, mas a tentativa de direcionamento a outro público afetaria o consumo “do” espaço devido à possibilidade de não se reconhecer nos novos objetos e nas pessoas. Os objetos passam a ter “vida” identificando o processo de consumo. Parte de meus interlocutores identificam-se como afeminados. As roupas são os objetos de consumo mais notáveis. Eles buscam fantasias, roupas coloridas, uma boa maquiagem. As roupas operam como agência³⁰ característica no corpo produzindo efeitos naqueles que usam (FRANÇA, 2010).

É importante compreender, como ressalta França (2010), esses lugares de sociabilidade como espaços de lazer, pois, na perspectiva de consumo, há forte relevância ao modo como as pessoas organizam seu “tempo livre”. Neste contexto, as andanças noturnas firmam relações sociais, quando as pessoas buscam ligar-se ou produzir um local agradável para si mesmas. Por isso, o processo de transição elucida diversas questões interessantes, se pensarmos que se iniciou também um modo de afetação desse local que anteriormente

²⁹ França (2010) destaca que, nas circunstâncias do mercado que se refere à homossexualidade, os espaços de sociabilidade, como o bar, desempenham função interessante: neles há modos de atualização de referências acerca da homossexualidade, nas roupas, nos acessórios, nas maneiras de apresentação corporal etc. A ideia de consumo, nesta perspectiva, refere-se não somente ao consumo efetivo e facilmente visível como bebidas alcoólicas, comidas, o consumo nesses lugares perpassa também pelo uso de objetos.

³⁰ (GELL, 1998)

correspondia aos interesses de consumo imaterial. O espaço, aos poucos, já não se constituía como lugar agradável ao público homossexual.

É possível observar que, a todo momento, utilizo a palavra liberdade para escrever sobre esses espaços frequentados por meus interlocutores. Mesmo quando, neste capítulo, direciono-me à proposta de trabalhar com memórias, a ideia de liberdade é comum nas entrevistas. França (2010) cita que essa liberdade está em contraposição a outros espaços frequentados por eles. Segundo a autora, nesses lugares se torna possível “ser quem você é” sem sofrer com estigmas sociais que, no presente caso, atingem homossexuais. Como descreve Renan: “É aquele lugar que faz a gente se sentir mais à vontade, faz a gente se sentir melhor, então a gente fica ali, não sai dali”.

Percebe-se que a ameaça da discriminação, seja vinda de desconhecidos, seja de familiares, pode ser visualizada a partir do olhar de Douglas (1966) como reflexo de uma sociedade que busca a manutenção da “ordem ideal” através de repressão de possíveis “transgressores” (homofobia). A tentativa de ver na expressividade das pessoas a necessidade de controlar seus comportamentos, como também a existência de aspectos morais dão respaldo a essas normas que buscam amparo ou justificativa também na dimensão da natureza. Tais percepções, como mostra Douglas, situam a ideia de “poluição” e permeiam a esfera social. Para a autora, as questões acerca da pureza e impureza refletem a “ordem e desordem”, o que acontece entre “ser e não ser quem se é”.

É perceptível que pensar a homossexualidade a partir da experiência urbana permite encontrar nessas andanças lugares de referência que marcam a vivência da homossexualidade. Apesar de esses espaços tornarem-se referência meses ou anos após o fechamento, é evidente como o conflito referente à sexualidade está inserido não apenas fora do circuito homossexual, mas conduz, reformula e redireciona esses lugares de liberdade a dentro dos próprios espaços que anteriormente também eram construtores da liberdade e abertos a diversidade.

O bar Spettus/Sapatos e o bar da Kal marcaram uma temporalidade importante para a vivência urbana da homossexualidade na cidade de Sobral. Apesar dos conflitos, apreende-se que esses espaços se fixam como importantes para o debate sobre a homossexualidade interiorana.

4 EXPERIÊNCIAS E *PERFORMANCES* NO DONNA C BAR

4.1 Donna C [novo] bar *gay* de Sobral

[...] Aí foi quando o Donna C abriu, aí ninguém passou ir mais pra lá, porque lá, ela quis transformar em um lugar hétero, não sei porquê. [...] Aí, também surgiu uma conversa na época, que ela tinha falado pro funcionário de lá, que tava tentando deixar o bar menos *gay*, aí sabe né, esses *prints* correm. Aí foi quando o público começou a ver, se ela tinha feito um bar LGBT, e a gente não tava se sentindo bem pra estar lá porque ela não queria mais, aí foi o tempo que a gente passou pro Donna C, por isso que o Donna C é daquele jeito, lotado todo dia. (Pedro, entrevistado em 2018)

No capítulo anterior, abordei como meus interlocutores começaram a compreender as mudanças do bar Sapatos. A tentativa de transformação do espaço físico tomava outras proporções ao privar o público homossexual de determinados comportamentos, como a dança. Nesse período, Pedro narra como diversas conversas acerca da tentativa de direcionamento do local ao público heterossexual espalharam-se entre os frequentadores do bar, acarretando sentimentos negativos ao ocuparem o referido espaço. A transição foi acontecendo lentamente, aos poucos o bar foi perdendo o público e ficando mais esvaziado.

É interessante observar que essa situação elucida duas questões importantes. A primeira refere-se à importância da dinâmica do espaço físico, indicando que a estrutura física no interior do bar é um fator importante para que o público se sinta pertencente ao espaço, sobretudo, reservando espaço para a dança. A segunda relaciona-se à instabilidade desses espaços. Em cerca de um ano e meio, aconteceram mudanças importantes nos espaços de sociabilidade homossexual na cidade de Sobral.

Esses lugares podem ser reconhecidos como pontos de apoio a atividades noturnas, não se revelando como uma ideia fechada; ou seja, o circuito não se constitui como fixo ou estável, pelo contrário, faz-se e refaz-se de acordo com as demandas de quem o compõe. Em meio a tais formas, estabelecem-se maneiras simbólicas de trocas. Assim, o circuito se torna categoria que permite uma relação de troca e novos encontros numa dimensão mais diversificada da cidade, incorporando, dessa maneira, particularidades (MAGNANI, 2000). No primeiro capítulo desta dissertação, destaco o conflito como construtor desses espaços de sociabilidade homossexual, conflito que existe devido à homofobia e discriminação. Contudo, a situação

envolvendo o bar Sppetus mostra que a homofobia permeia também os espaços que buscam a diversidade sexual e de gênero.

Outros casos semelhantes foram vivenciados em bares de Sobral, evidenciando um enfrentamento de duas formas: a primeira, que delimita os espaços de sociabilidade homossexual; desta forma a cidade se constrói com costumes e aspectos próprios, e essa construção é possível com a determinação de zonas de limite e a possibilidade de impor transformações, o que Park (1987) chama de *A planta da cidade*. Essas delimitações se constituem por meio da estrutura e de sua ordem moral. É importante mencionar que esse desenho e contorno da cidade se constroem de forma distinta em determinados espaços urbanos e suas regras dependerão da população e concentração em tal área. Essa ordem moral possibilita pensar como são construídos determinados caminhos na cidade que proporcionam aos jovens maior liberdade. Por outro lado, a categoria de região moral permite perceber exatamente as construções distintas e conflituosas entre os(as) jovens *gays* e a expressão da homofobia.

O segundo modo de enfrentamento se apresenta de maneira inesperada, quando os próprios espaços de sociabilidade homossexual optam por mudar a estrutura física como tentativa de buscar outros públicos. Após a acentuada queda de público devido ao posicionamento de uma das proprietárias do bar Sppetus, ocorreu o fechamento do estabelecimento. Contudo, a outra proprietária que discordava das mudanças propostas voltou para o espaço reabrindo o bar com outro nome, com o intuito de reconquistar o público diverso. Através das entrevistas, era possível identificar que esta tentativa não obteve sucesso, o estabelecimento continuava esvaziado e não atingia a mesma proporção do bar anterior.

Nesse período, o bar Donna C abriu e não havia uma proposta específica direcionada ao público homossexual. Os bares localizam-se próximo ao Arco do triunfo. Assim, os interlocutores narram um momento de transição. Passam a ocupar o Donna C e o “adotam” como novo bar *gay* da cidade.

4.2 “Ruazinha” e importância da estrutura física do bar

Os bares trabalhados localizam-se no entorno do Arco do Triunfo. O Donna C bar, especificamente, situa-se no que popularmente os moradores de Sobral intitulam de “ruazinha”.

Esta pequena rua dá acesso à Avenida. Dr. Guarani (rua do Arco do Triunfo) e à Avenida Oriano Mendes. A referida ruazinha, devido a sua pequena extensão, é ocupada especificamente por estabelecimentos comerciais: uma livraria que tem sua faixa em direção ao Arco; atrás da livraria com faixa em direção à avenida Oriano Mendes, há um restaurante; o lado esquerdo da rua é composto pela estrutura dos dois estabelecimentos. No lado direito, no centro da rua, encontra-se o Donna C. Sua faixa se perde em meio as árvores. Perde-se também devido à parede escura, pois a estreita placa do bar só é vista se nos situarmos especificamente próximo ao bar. Adiante é possível visualizar outro bar, o Butikina, que funciona há mais tempo no local; sua estrutura física é de uma casa.

Imagem n° 7 – Visão da Ruazinha entre o monumento do Arco do Triunfo



Foto: Bruna Araújo (Acervo da pesquisa) 2019.

A fotografia entre o monumento do Arco do Triunfo mostra visualmente como a ruazinha tem acesso fácil e próximo ao Arco. É comum que os carros estacionem na rua e não necessariamente são frequentadores do bar. Esta fotografia foi feita por mim entre às 22h:20min e 23h da noite, durante o período de campo. Ainda que não seja possível visualizar, o bar estava funcionando e há pouquíssimo movimento na rua. À medida que se aproxima a madrugada, o movimento em frente ao bar se intensifica. Alguns jovens saem do bar para conversar, encontrar outros amigos, muitos ainda não entram no bar devido à cobrança de valor mediante venda de pulseiras de acesso. Há também um ou dois vendedores ambulantes de bebidas alcoólicas.

Algo pertinente a ser realçado refere-se à inevitável privacidade que a ruazinha proporciona aos frequentadores do bar. Optei por editar a fotografia para que o leitor pudesse visualizar melhor os detalhes da imagem, mas é importante ressaltar que o espaço da ruazinha é mais escuro, e os diversos carros estacionados tornam o espaço ainda mais reservado, tendo em vista que à distância não é possível visualizar a descontração dos jovens, o consumo de bebidas etc.

É comum que jovens optem por transitar entre o Arco e a ruazinha constantemente. Da rua, é possível ouvir o som de dentro do bar, há quem opte por passar boa parte da noite ocupando a rua com os amigos, o fácil acesso à compra de bebidas alcoólicas por meio de vendedores ambulantes permite e somam a possibilidade de ocuparem ainda mais tempo aquele espaço. A ruazinha permite ainda mais liberdade, não há necessidade de lidar com a vizinhança, o som não tem limites, as conversas, risadas e os gritos dos jovens, em alto som, não são constantemente silenciados.

A seguir, Pedro cita os locais nos quais se sente mais seguro:

Tem deles que também apoiam isso, que a gente tem que ser reservado, mas pra mim eu acho que não. A gente tem que ser o que a gente é, não importa o lugar, mas infelizmente com a violência e com a homofobia assim gritando, a gente se fecha e se abre só aqui no Donna C e no Arco (Pedro entrevistado em 2018).

A ruazinha, por muito tempo, passou despercebida ou com pouca atenção nos escritos do meu caderno de campo. Compreender sua importância só me foi possível ao observar os diversos conflitos em outros bares aqui referidos. A exemplo, o bar Spettus lidava fortemente com as críticas da vizinha idosa, sobretudo, em razão da animação acompanhada de muitos gritos, gargalhadas e dança. De Certeau (2013) observa que, ao se esquivar do olhar figurado e totalizante, é possível estranhar um cotidiano que não é visto pela ótica superficial.

De certo modo, esta localização possibilita que os frequentadores do bar não tenham que lidar diretamente com a vizinhança, não há necessidade de certo pudor com gritos ao cantar e dançar. Pedro narra que, apesar de não concordar com a moralidade que permeia a cidade, busca esses lugares como espaços de segurança. O termo “se abrir” facilmente é compreendido como o modo de vivenciar livremente as possibilidades que, em outras situações e espaços, não são possíveis.

A ruazinha, de certo modo, possibilita um pouco mais de anonimato, não necessariamente pela busca dos frequentadores do bar, ou pelos proprietários, mas se torna perceptível tratar-se de um espaço mais escuro e mais reservado. A categoria anonimato aparece para dar ênfase ao aspecto transitório das relações sociais na cidade. Wirth (1987) observa que tal categoria ilustra a imagem que é construída do morador da grande cidade, sendo este considerado racional e distinto. As pessoas com as quais estabelecemos relações são consideradas possibilidades de alcançarmos determinados desejos. Apesar de os indivíduos alcançarem um grau maior de liberdade em relação a controles de pessoas íntimas, ao mesmo tempo, perde-se o caráter espontâneo de expressar-se, tendo em vista que a ordem moral é presente fortemente na vida em sociedade.

Contudo, é necessário observar que, no contexto sobralense, o anonimato permeia o campo desta pesquisa devido ao recorte de cidade média e interiorana que Sobral representa. Aos horários noturnos trabalhados no primeiro capítulo desta dissertação soma-se a demanda de pessoas universitárias que se direcionam à cidade. O anonimato, mesmo neste contexto de cidade interiorana e média, é possível para os interlocutores que não são sobralenses por meio desse distanciamento³¹ da cidade natal.

De Certeau (2013) observa que, ao interromper a visibilidade, há vivências dos praticantes da cidade, e a base dessa experiência compõe um texto urbano que é possível apreender por meio das experiências desses caminhantes. Este entrelaçado de escrituras avança e se constitui, não há um autor ou espectador. Essas múltiplas histórias são possíveis por meio de fragmentos de trajetórias e mudanças de espaços no que se refere às representações sociais, pois esta é, cotidianamente, outra. Esses praticantes tornam possível um espaço que não é visto.

Desta forma, em alguns eventos do bar, é perceptível uma grande movimentação em frente e ao longo da pequena rua por aqueles que optam por não gastar valores em dinheiro para vivenciar a noite, ou por aqueles que optam por estar nos dois espaços, sendo comum sair para dialogar, tendo em vista o alto som dentro do bar. Desta forma, é possível compreender que a ruazinha se torna, para além de uma rua de acesso ao Donna C e Arco, um espaço de sociabilidade homossexual.

³¹ Sobre a relação de estudantes universitários na cidade de Sobral e suas cidades natais ver Araújo (2017).

A estrutura física do Donna C elucida muito acerca do processo de mudança do público homossexual. Anteriormente, a estrutura física do bar acompanhava um espaço de bar, conversa e descontração. Neste tópico trago minhas memórias acerca da estrutura física do bar, momento ainda inicial desta pesquisa. A minha distância da cidade durante o primeiro ano do mestrado permitiu-me perceber, no retorno, o quanto o bar investiu e acompanhou e procurou atender as demandas do novo público.

A seguir, exponho e interpreto algumas notas do meu diário de campo:

O Donna C passou por diversas mudanças físicas. Lembro-me que, no seu início, ainda quando residia na cidade, o espaço acompanhava o estilo de bar com diversas mesas e cadeiras. Ao longo do corredor de entrada, as mesas eram postas. Quando o corredor findava, era possível ver, no lado esquerdo, uma sala com mais mesas, espaços para o carregamento de telefones celulares, com cadeiras. Ao fundo do corredor, havia um balcão mais extenso, onde os garçons pegavam as comandas retiradas no caixa ao lado, preparavam os pedidos, as bebidas, os *drinks*, as famosas caipirinhas. Ao longo de todo o balcão, havia bancos. Os jovens, ao esperarem seus pedidos, reencontravam amigos, faziam novas amizades, registravam o momento por meio de fotos (*selfies*), tornava-se um momento de descontração. Muitos, também, optavam pelas cadeiras do balcão. Era espaço de constante trânsito de pessoas. De fato, acompanhava mais o estilo de bar. Não havia espaços para dança. Todos os espaços eram compostos por mesas e cadeiras. Todos os espaços possíveis. Inclusive, na calçada do bar, havia mesas à espera da grande demanda do bar. Em frente ao bar, estavam as pessoas que não queriam sentar-se à mesa, ou preferiam curtir a noite em pé, dialogando, sorrindo, com suas bebidas alcoólicas no chão, ou entrando e saindo do bar em busca de bebidas. Sempre comentavam que o bar ao lado era pra outro tipo de público. Ali estava um público que se autointitulava de mais alternativo, por isso o bar ao lado não era tão bem quisto. Era outra proposta. [...]É certo que Donna C passou por diversas mudanças e não foi em curto espaço de tempo. Contudo, parece que o bar compreendeu muito bem quem estava a consumir; compreendeu que estava sendo adotado por um novo público, inclusive, compreendeu fortemente ao passo que se percebem tantas mudanças físicas na estrutura do bar. A minha distância da cidade me fez visualizar uma mudança mais brusca. Eu sempre ouvia sobre as obras. O próprio Instagram atualizava seus seguidores a respeito da volta do bar. Ouí, por vezes, durante a estada em campo, sobre o público homossexual adotar o Donna C, pois entendo que as mudanças no bar reforçam esse período de transição, além de demonstrar que a pessoa responsável pelo bar, vendo a possibilidade de novo público, resolveu investir nele. (Notas diário de campo)

As notas do diário de campo elucidam o momento que, em campo, começo a compreender as mudanças que ocorreram no Donna C. Vale ressaltar que aqui descrevo um dos ambientes do bar, do modo como eu o enxergava; e lido com memórias, tendo em vista que, antes

de iniciar esta pesquisa, o bar funcionava. Esse momento de escrita de campo ocorre quando começo a frequentar o bar para a pesquisa de dissertação. Começo a compreender também as falas de meus interlocutores quando narram o modo como adotaram o bar. Inclusive, um de meus interlocutores ressalta a compreensão acerca da direção do bar que viu nesse processo um momento de investimento financeiro, haja vista o grande número de pessoas e o quanto o espaço se fortalecia como referência *gay* na cidade.

É necessário observar que, no contexto sobralense, a estrutura física informa sobre seus frequentadores. É fortemente perceptível que o bar Spettus, ao buscar a mudança de público, retira os espaços abertos direcionados à dança. Já o Donna C, em busca do investimento no novo público, muda completamente a estrutura física do bar promovendo um espaço vazio, sem muitas mesas e cadeiras, buscando proporcionar um lugar mais livre para a dança e interação dos(as) jovens. A dinâmica, o estilo e a estrutura física são repensadas para o consumo de um novo³² público.

Como observei anteriormente, parte dessas mudanças eu acompanhei quando residia na cidade. No momento da mudança, as entrevistas com interlocutores e o acompanhamento da página no Instragram³³ foram importantes nesse processo de entendimento.

A seguir, narro, a partir das notas de campo, meu primeiro contato com a nova proposta do bar:

Facilmente é possível visualizar que houve grandes mudanças, por isso observo que iniciei o trabalho de campo em Fortaleza por meio da rede social Instagram. Aqui na festa TheBoche, tive duas grandes surpresas: a primeira delas se referia à mudança desta pesquisa, pois, pela primeira vez, eu conheceria as *Deejays drag queens*; A segunda referia-se à estrutura física. (...) O bar tem uma fachada duplex, e as paredes estão pintadas com tinta preta. As portas de entrada assemelham-se a uma boate, são de madeira. Na entrada, há uma pequena bilheteria em que compramos a pulseira por um valor em dinheiro. A pulseira permite acesso livre durante todo o evento. Dentro, especificamente neste evento, não havia mesas e cadeiras. Todo o espaço era reservado para a dança. As luzes coloridas contrastavam com o ambiente escuro e os poucos pontos de luz. Ao aproximar-me do fundo, vi uma escada que dá acesso ao andar de cima do bar, neste evento a pessoa responsável não permite acesso ao primeiro andar. No lado direito, está um pequeno palco, nele há uma estrutura prata para que as

³² Faz-se importante ressaltar que não busco direcionar ao bar referência exclusivamente *gay*; Não caberia a mim determinar. Contudo, narro aqui um processo de diversas mudanças na estrutura física, nos eventos e nas suas divulgações, obviamente, abordando as questões-chaves desta pesquisa.

³³ A conta do Bar na rede social possibilita visualizar a acentuada quantidade de cartazes de divulgação de eventos voltados para o público LGBTQTT. Nos anexos estão alguns desses cartazes.

deejays colocam seus computadores e seus demais equipamentos. Ao fundo, o balcão permanece com o propósito de preparo de bebidas e vendas. O caixa está na parede ao fundo, lado esquerdo ao lado do balcão. O espaço e a proposta do bar lembram e se aproximam mais de uma pequena boate. Acredito que esta proposta refere-se aos dias em que os temas dos eventos são destinados para o público homossexual. (Diário de campo)

O bar torna-se referência. É o único espaço noturno da área estudada direcionado para a diversidade, não apenas para jovens homossexuais, mas também para todo o público LGBTT. Seu alcance ultrapassa, certamente, o alcance do bairro em que se localiza e é facilmente visto como referência para toda a cidade. Sobral, como cidade referência para a região Norte do Estado, mais a grande demanda de estudantes universitários(as) oriundos de outros municípios são fatores que somam para que o bar ultrapasse também o alcance local.

Compreendendo o alcance do espaço e as mudanças físicas, é necessário observar que a proposta de bar é vendida nas redes sociais, na divulgação e na própria fachada do estabelecimento. Este, apesar de acentuadas mudanças que o aproximam do conceito de boate, não adere ao termo de referência, apesar de seguir fortemente esse tipo de proposta. Durante as entrevistas, parte de meus interlocutores se referem ao Donna C como bar, mas sempre atentando à proposta de boate, ou como a única boate da cidade.

4.3 Vivências da homossexualidade no Donna C

Compreendendo isto, é interessante ressaltar que o Donna C é construído como espaço de liberdade, em que homossexuais que não portam maneiras viris, mesmo enfrentando o preconceito em diversos meios, encontram um lugar que propõe a diversidade. Apesar de lidar aqui com narrativas de homens homossexuais, ao frequentar o espaço, é possível constatar que há imensa diversidade de público; inclusive é possível visualizar também heterossexuais. É importante observar também que parte de eventos LGBTT's no Donna C são festas privadas que alugam o espaço.

Abaixo descrevo, por meio do diário de campo, a interação entre jovens durante duas festas no bar Donna C:

Estar no Donna C desde às 23h me permite visualizar o movimento de chegada das pessoas. Logo no início, o espaço permanece um pouco esvaziado, parte das

peessoas que já adquiriram a pulseira (em eventos específicos há vendas) geralmente se concentram em frente ao bar ou estão na ruazinha. Ao passar das horas, as pessoas começam a ocupar o bar, mas é notável que o espaço permanece um pouco esvaziado. Comento com uma amiga que me acompanhava sobre a possível influência do período de férias das Universidades existentes na cidade, que talvez seja um (possível) fator determinante para a quantidade reduzida de pessoas. Mas o que se percebe, mesmo nesta situação, é uma energia muito forte impressa nos movimentos corporais, nas coreografias em pequenos grupos, nos gritos animados em reação a músicas específicas. O público LGBTTT busca este ambiente específico de boate.

[...] Em contraste com a festa ocorrida em novembro de 2018, no segundo evento, que acompanhei em 2019, havia um espaço bem mais ocupado por pessoas. Em número maior, as pessoas dançavam, pulavam e gritavam. Tudo isso era reflexo da interação animada entre os(as) jovens. É comum visualizar grupos de dança com coreografias em ritmos de tempo parecidos (Diário de campo).

Opto por abordar recortes de dois momentos em campo para comparar duas questões importantes: a primeira delas refere-se à influência da demanda universitária na cidade; a segunda, ao modo como o público homossexual, de modo geral, ocupa o espaço. A dança coreografada ou livre é o que mais salta aos olhos. O espaço escuro e as luzes coloridas dificultam a observação específica de quem são as pessoas, principalmente quando há movimento de pessoas ocupando a parte localizada à frente do pequeno palco.

A reação a determinadas músicas permite uma configuração de maior entrosamento, em que as pessoas, ao sentirem-se animadas com determinada melodia, seguem ritmos coordenados e semelhantes de coreografias. Em meio à festa, tive conhecimento de que algumas pessoas, de fato, são dançarinos(as) profissionais. Esses(as), em específico, prepararam, durante o evento, uma apresentação própria (ou peculiar) para o público, que ocorreu em frente ao pequeno palco dos(as) deejays.

A fotografia a seguir não se refere ao momento de apresentação do grupo de dança, mas mostra o quanto a noite no bar é permeada pelas coreografias realizadas pelo público consumidor(a):

Imagem n° 8 – Jovens dançando no Donna C



Foto: Bruna Araújo (Acervo da pesquisa) 2019

A festa fotografada intitula-se TôLoukah. O título do evento faz referência a um bloco de carnaval da cidade de Sobral e ao nome pessoal do produtor Ká Sousa. Ao longo do evento, ele me conta que aquela era sua primeira experiência como produtor de um evento *gay*. É possível observar, na fotografia acima, que há jovens sentados à esquerda. Neste evento específico da festa TôLoukah, havia seis mesas com cadeiras encostadas nas paredes (lado esquerdo e direito) ao longo do espaço para facilitar o fluxo de pessoas que transitam e dançam.

A fotografia não foi tratada com o propósito de deixar claro ao leitor(a) o modo como o espaço é construído em seus contrastes de luzes coloridas com o ambiente mais escuro. É possível observar que parte dos jovens dançam coreografias específicas. Dois rapazes optaram por subir em um pequeno palco de madeira para se destacarem durante a dança. O rapaz logo à frente segue o mesmo ritmo. Durante toda a madrugada correspondente à data desta festa, foi possível visualizar o quanto a dança está presente neste espaço.

É importante ressaltar que a dança, como forte característica da noite, é reflexo dos ritmos musicais mais tocados pelos(as) deejays. O *funk* e o *pop* predominam em todo evento, o *funk*, sobretudo, ativa uma energia expressa por meio de gritos, pulos e muito rebolado. Os *funks*

intitulados “proibidão” também estão presentes nas *setlists*³⁴. Este ritmo específico é composto por letras de músicas que fazem referências ao ato(s) sexual ou aos órgãos sexuais masculinos e femininos. Os jovens têm imensa receptividade a este estilo musical específico. O *pop* nacional também é muito presente nas *setlists* e tem imensa aceitação dos jovens.

É importante observar que o diálogo também é fortemente presente no espaço. Em determinados momentos da madrugada, nas trocas de deejays ou nos intervalos os(as) jovens costumam conversar apesar do forte barulho.

Imagem nº 9 – Momento de interação a partir do diálogo



Foto: Bruna Araújo (Acervo da pesquisa) 2019

O balcão do bar é espaço destinado para as pessoas levarem suas comandas para os garçons prepararem ou buscarem seus pedidos. Bebidas alcoólicas em geral ou *drinks* específicos. O(s) garçons e clientes são separados unicamente pelo balcão e não há serviço direto às mesas. O balcão é situado ao lado do caixa ao fundo do bar e estão posicionados os empregados que preparam as bebidas. Na fotografia acima, parte do balcão é utilizado apenas para servir, por isso, não há presença de trabalhadores ao fundo.

³⁴ Lista de músicas executadas pelos(as) deejays.

Este espaço específico do balcão tem bancos para que as pessoas esperem seus pedidos ou simplesmente descansem. A fotografia registra um momento de descontração, conversas, risos, encontros e reencontros. O diálogo, permeado de afeto, torna evidente a interação neste espaço específico e torna-se importante para elucidar que as relações dentro do bar não se referem somente ao movimento da dança e às descrições realizadas.

A foto abaixo captura uma situação por mim presenciada: em certo momento da noite, um dos garçons sobe em cima do balcão, especificamente no lado em que descrevo a interação por meio de conversas. Ao que indica, as pessoas parecem acostumadas com esse momento, em determinadas festas, é comum que o garçom se direcione ao balcão portando um objeto em formato de cone, mangueira e uma garrafa de bebida alcoólica.

Imagem nº 10 – Garçom portando bebida alcoólica



Foto: Bruna Araújo (Acervo da pesquisa) 2019.

No momento em que as pessoas veem a bebida e o objeto em que é despejada, animam-se ainda mais. Não é possível ver pela imagem, mas a pessoa que aceita participar desse momento coloca o objeto na boca e espera que o rapaz despeje a bebida alcoólica. As pessoas em volta empolgam-se com a situação e, em alto som, verbalizam estímulos para que a pessoa aguente o máximo que puder. Parte significativa das pessoas presentes no interior do bar voltam-se à situação e ficam atentas ao acontecimento, perto ou longe, acabam envolvendo-se, seja com

olhar, palavras de motivação, gritos, seja com outra forma de manifestação. Ao final, quando o empregado para de despejar bebida, todos comemoram.

A madrugada é sempre muito movimentada, com pontos específicos da noite. Notadamente, essa situação entre o garçom e o público é um modo de interação da gestão do bar com seus/suas clientes e seu público. É comum, também, que os organizadores do evento distribuam balas ou gelatina alcoólica para agradar os(as) jovens. Logo na entrada, ao pagar pela pulseira de acesso, é oferecida a primeira bala.

Entre conversas e danças, a madrugada é perpassada por muitos momentos elétricos e descontraídos. As gargalhadas se misturam, as pessoas criam novos laços de amizade, breves ou longos; a interação é intensa e leve no sentido de respeito e animação. Há muitos sorrisos recíprocos em meio ao alto som. As pessoas sentem-se acolhidas e seguras, mesmo na interação com desconhecidos, pois é sempre ocasião de formar um novo laço de amizade.

A câmera fotográfica é um objeto que desperta a atenção dos(as) jovens. Nesta festa específica, havia eu, a fotógrafa oficial do evento, um pesquisador que desenvolve um trabalho monográfico com as *drag queens*, totalizando três pessoas portando câmeras fotográficas. A quantidade em nenhum momento intimidou o público, cujos integrantes faziam questão de pedir para serem fotografados(as). A alegria estimulava certa receptividade para com os participantes.

Contudo, o espaço que é inteiramente organizado para o público homossexual e consumido por parte significativa LGBTT não está isento de discriminação simbólica.

A seguir, apresento um trecho do diário de campo que elucida um momento silencioso de homofobia:

Aproxima-se do final do evento. A festa encerra por volta das quatro horas; entre às três horas da manhã. Já bastante cansada, direciono-me à penúltima mesa do lado direito. Optei por sentar, apoiar as pernas e ver o resultado das fotografias feitas por mim. A *deejay* ainda tocava músicas e as pessoas permaneciam bastante animadas, inclusive, a *setlist* final proporcionou intensa animação do público. Nesse momento opto por me concentrar exclusivamente nas fotos. Por alguns minutos, minha concentração é ininterrupta, exceto quando um dos seguranças se aproxima para perguntar-me se as fotografias haviam ficado com boa qualidade. Respondi que sim, mas, nesse momento, volto minha atenção novamente para o espaço. Vejo, então, uma movimentação corporal estranha. Ao meu lado, na última mesa, havia dois homens sentados. Eles riam muito, apontavam para determinadas pessoas, expressavam uma fisionomia de espanto e surpresa ao olhar o espaço. Observei que eles tinham as pulseiras do evento, ou seja, pagaram para entrar, fizeram questão de estar naquele espaço. Os dois homens, em nenhum momento, dissimulam, é facilmente notável (para quem os

observa atentamente) que eles estão surpresos com algo e também debochando. Não sei especificar corretamente o período de tempo que eles estiveram presentes no local, a partir do momento em que eu os vi, foram cerca de vinte minutos. Logo, eles foram embora. (Diário de campo, 11/10/2019)

É necessário observar que os espaços produzidos para as pessoas homossexuais não estão isentos de discriminação. A situação elucidada que este espaço, apesar de proporcionar maior segurança e liberdade para aqueles que o frequentam, não se torna espaço livre da homofobia, tendo em vista que não é possível *a priori*, ou no momento da venda de pulseiras, identificar possíveis situações de discriminação.

Nos tópicos seguintes, trabalharei o modo como as *deejays drag queens* conquistam seu espaço no Donna C e recebem a admiração do público do bar; contudo é importante ressaltar que elas também são vítimas de discriminação neste ambiente.

A seguir, a *deejay* Juny Salen narra a tentativa de violência física que sofreu em frente ao Donna C:

(...) Inclusive uma das vezes foi em frente ao Donna C que um cara me assediou, me abraçou e eu falei, né, pra ele me soltar e ele percebeu pela minha voz que não era o que ele pensava; e ele quis me agredir, só que os amigos que estavam com ele não permitiu que isso acontecesse. (Juny Salen, entrevistada em 2019).

Infere-se que o Donna C, como espaço de referência da homossexualidade e diversidade sexual e de gênero na cidade de Sobral, torna-se rota (por vezes) de homofóbicos que buscam ter acesso ao modo como é vivenciada a noite nesse espaço. Embora a partir das narrativas e no trabalho de campo essas situações não apareçam como regra ou comumente, é necessário discuti-las, tendo em vista que a homofobia e moralidade permeiam o cotidiano da cidade.

4.4 Performances das *deejays drag queens*

[...] Sobral está à frente por já ter tido o Spettus, por já ter tido o Bom Jacks³⁵ e por atualmente ter o Donna C, que são três bares que dão visibilidade à arte; se tornou tão comum que atualmente não tem tanto preconceito como tinha antes, no começo. [...] Os bares deu essa visibilidade pra gente e se tornou mais

³⁵ bar *gay* localizado próximo ao IFCE campus Sobral. O espaço funcionou durante um período curto de tempo.

receptível à arte, entende? Mas a gente sempre tem receio de sair na rua. (Juny Salen, entrevistada em 2019)

A discussão sobre as *drag queens* surge nesta pesquisa, quando me direciono para o Donna C nos momentos de pesquisa de campo. Frequentei dois eventos no bar, sendo que trabalhamos no primeiro cerca de sete *drags* e, no segundo, duas *drags*. Os eventos mencionados no tópico anterior intitulam-se festa TheBoche e TôLoukah. Os eventos ocorreram com cerca de um ano de diferença, acontecendo em novembro de 2018 e outubro de 2019, respectivamente.

Minha interlocutora, *deejay* Juny Salen, esteve presente nos dois eventos trabalhados nesta pesquisa. Discutir sobre *drag queen* em Sobral tem forte ligação com a discussão acerca dos bares³⁶ *gays* e vice-versa. Compreendendo essa forte ligação, não somente das *drag queens* com os espaços dos bares, mas dos momentos em que o público demonstra admiração pelas *deejays*, dedico-me a trabalhar as performances de *drag queens*.

É necessário observar que, na cidade de Sobral, as *drags* tiveram seu movimento mais intenso há três anos e os bares foram espaços de maior visibilidade e atuação. Vayölla³⁷, interlocutora que esteve presente no evento TôLoukah, e Juny Salen associam seu início como *drag queen* ao ano de 2017, ano de movimento e surgimento³⁸ de diversas *drags* na cidade.

As *drags* existem por meio de uma produção física, que é estética. Performances excedem o programado ou produzido através dos elementos que possuem através de maquiagens e roupas. Além disto, estão presentes fortemente no imaginário LGBTT e nos espaços urbanos brasileiros. Elas também existem na relação com seu público, com os(as) proprietários de bares e com suas relações com o período carnavalesco (VECANTO, 2002). Especificamente no contexto sobralense, esta ligação intensifica-se mais à medida que se compreende a importância dos bares para a visibilidade *drag* na cidade.

Entender a menção “Sobral à frente” como observa Juny, quando há três anos surge um movimento de *drags* na cidade, refere-se à comparação desta com as demais cidades interioranas da região Norte, onde, mais uma vez, Sobral aparece como referência da região. A

³⁶ É necessário destacar que as *drags* iniciaram sua atuação como *deejay* em festas privadas (coqueiros clube ou festas nos motéis). aos poucos, com o surgimento de bares voltados para o público *gay*, elas começaram a ocupar esses espaços.

³⁷ A *drag queen* Vayölla é *deejay*, cantora e modelo, trabalhou com marca nacional de cosméticos. Suas produções estão disponíveis nas plataformas digitais *Spotify* e *YouTube*.

³⁸ As duas interlocutoras também citam a popularização do reality show *RuPaul's drag race*; a arte tornou-se mais comum entre as pessoas, influenciando em melhor aceitação.

exemplo, Vayölla compara a cidade em que reside Massapê³⁹, e sua forte relação com a cidade de Sobral devido à maior aceitação presente naquela cidade. Ela observa sobre a dificuldade de ser *drag*: “Principalmente a gente aqui do interior, né? A única cidade em que a gente atua é Sobral”.

É necessário observar que, apesar da referência à cidade de Sobral como destaque em relação as demais cidades da região Norte e do direcionamento *das drags* para atuar nessa cidade, elas ainda ressaltam seu receio ao transitar pelas ruas da localidade.

A seguir, Juny Salen narra como é transitar na cidade:

[...] A gente tem receio de sair na rua, principalmente naquele sinal que dá acesso ao Arco, onde tem o metrô. Se a gente passa, como na época que o Bom Jacks era naquela rua próximo ao IF, sempre tinha que transitar por aquele espaço do sinal pra gente poder chegar no bar. Algumas pessoas que estavam dentro dos carros ou até das motos jogavam piada, é... Chamavam a gente de viadinho, de coisa feia, esses apelidos que machucam, sabe? Aí se tornou muito comum a questão do preconceito nessa época que faz mais ou menos um ano atrás. E naquele espaço onde é o bar, no espaço onde é o Arco em si, não existe mais tanto. [...] Como no caso as festas costumam ser depois das onze horas da noite, geralmente não tem mais nenhuma família no Arco ou passeando e tal, então não gera mais nenhum tipo de conflito e preconceito, porque neste horário mais noturno está só mesmo as pessoas que frequentam normalmente esses espaços. (Juny Salen, entrevistada em 2019)

Juny narra os percursos em que é tomada pelo sentimento de apreensão ao transitar pelas ruas de Sobral. Como discutido no primeiro capítulo desta dissertação, a experiência dela assemelha-se em alguns aspectos às narradas pelos interlocutores homossexuais. O Arco do Triunfo é acentuadamente posto como referência, ainda que seu acesso ou parte do seu entorno sejam lugares de possível discriminação. Louro (2013) observa que as normas que regulam corpos se direcionam com o propósito de determina-lhes limites no que se refere ao legítimo, saudável, moral ou coerente. Ao ultrapassar esse limite⁴⁰, os corpos são marcados como proibidos, imorais ou anormais.

³⁹ População estimada: 35.201. Micro região: Sobral. Disponível em: <https://massape.ce.gov.br/omunicipio.php>

⁴⁰ É possível compreender, através de Gennep (1909), que a “margem” se constrói como tentativa de transições, sejam elas de ordem social ou religiosa. Dessa forma, nos ritos de passagem, há um modo de alternância entre situações. Essa alternância pode ser vista exatamente à medida que os espaços de sociabilidade *gay* se encontram também próximos a espaços que são reconhecidos pelos(as) jovens como homofóbicos (a exemplo do semáforo que dá acesso ao Arco). Além disso, há possibilidade de transitar entre dois mundos, à medida que o bar e o Arco tornam-se um espaço de diferentes significados para seus/suas frequentadores(as) de acordo com horários noturnos. O limite, na perspectiva do conceito de margem, possibilita realçar que o propósito do sentido não se refere “à margem” da cidade e das experiências que a compõem. O seu sentido recai na possibilidade de observar como a cidade percebida

Compreender o modo como os corpos são marcados torna-se mais evidente a partir do corpo *drag queen*. A *drag* é em si uma imagem pública, ou seja, personalidade que aparece e mostra-se apenas em locais públicos. A figura da *drag*, desta forma, é necessária para compreender construções culturais e sociais, pois ela desconstrói a “essência” e o genuíno sobre gênero e sexualidade. A *drag queen* segue e subverte o feminino, valendo-se dos símbolos culturais que determinam esse gênero. Ao lidar com essas normas, exagerando-as e enaltecendo-as, ela elucida acerca de sua não naturalidade. Sua figura singular demonstra que o modo como nós, sujeitos, apresentamo-nos em relação a gênero e sexualidade são padrões inventados e legitimados pelas condições culturais em que vivemos. (LOURO, 2013).

No que se refere ao corpo⁴¹ *drag*, é um processo que ocorre de forma gradativa na criação de personagens e, frequentemente, passa por transformações; este corpo tem seu início a partir do momento em que a *drag* “sai montada”, é refeito a cada necessidade de ação em características próprias da experiência *drag*. A corporeidade *drag* é palavra-chave tendo em vista que ela representa/apresenta-se em e para o público. (VECANTO, 2002).

Entendo a forte ligação das *drags* com os bares aqui trabalhados, utilizo o plural devido ao Spettus (e Bom Jacks) terem feito parte dos bares em que as *drags* conquistaram visibilidade. É importante ressaltar que a presença de *drags* nesses espaços também é devido ao público que requer a participação delas. Há nesse meio também uma questão de consumo e de visão dos(as) proprietários(as) em agradar seus/suas consumidores(as).

A seguir, a partir das notas de campo, descrevo o momento em que as *drags* Juny Salen e Vayölla chegam à festa tôleLoukah:

Cheguei ao evento tôleLoukah por volta das 22h45min. Às 23h ainda tem um número de pessoas mais reduzido. Sentei em uma das cadeiras ao lado de minha amiga, outra moça conhecida e de meu interlocutor Vítor. O *deejay* Ká já havia começado a tocar e aos poucos as pessoas entram no bar. (...) Sentei-me brevemente para observar o movimento do bar. Em certo momento, direcionei minha atenção ao palco e à interação das pessoas com o Dj, ficando de costas para a entrada. Inesperadamente, as pessoas começam a gritar, pular, expressar imensa felicidade; no momento, inevitavelmente me assustei com a reação das

no seu sentido diverso e plural constrói-se de maneira conflituosa. Há a possibilidade de estar em duas situações no mesmo espaço físico.

⁴¹ É importante observar, a partir de Gadelha (2009,) que o figurino *drag* pode ser compreendido como elemento do corpo montado, pois a montagem abrange roupas, tintas, maquiagens e calçados. Os elementos da montagem perdem seu *status* anterior. Desta forma, o que está presente no corpo montado torna-se membro desse corpo como órgãos.

peças e com os altos gritos. Ao olhar rapidamente para trás, vejo as *drags* Juny Salen e Vayölla chegando. Foi um dos momentos mais bonitos e surpreendentes que vivenciei em campo. A admiração saltava aos olhos das pessoas. Juntaram-se mais pessoas para fotografá-las, todos(as) queriam tirar fotos com elas, era difícil, inclusive, aproximar-me no início. O bar começou a lotar às 23h58min após a chegada das *drags*. (Diário de campo – outubro de 2019)

A presença das *drags* é possível porque os espaços são destinados à diversidade. Em diálogo com as interlocutoras Juny Salen e Vayölla, é possível compreender, em suas narrativas, que há dificuldades no que se refere à discriminação e à iniciação no ofício de *deejay*. No contexto sobralense, a forte ligação delas com esses espaços de sociabilidade se dá também pelo vínculo positivo que estabelecem com os(as) frequentadores(as) dos bares; há, sobretudo, uma visão de sucesso delas com o público. Esse contato público-*drags* acontece na ocasião dos shows, a partir do momento em que saem de suas casas ou de seus familiares, em direção ao bar.

No espaço do bar, há um pequeno palco para que elas trabalhem com seus equipamentos. Ao lado, há outra pequena estrutura de madeira em que as pessoas costumam subir para dançar ou sentam-se para descansar. É certo que as *performances* iniciam já ao transitar pelas ruas em direção ao bar. O espaço do palco é onde o show se inicia. O modo de atuação como *drag(s)* se constrói de modo diferente. Entretanto, é importante ressaltar que seus atos se aproximam, sobretudo, da atuação de *deejays*. A *performance* acompanha a *setlist*, tem como propósito animar os(as) fãs e seguir o ritmo das músicas.

No palco, partilham sorrisos com o público, surpreendem ao escolher determinadas músicas; buscam interagir com os *stories* que são gravados. Há aquelas mais femininas ou mais extrovertidas; outras buscam maior sensualidade nas roupas e no modo de gesticular. Também há aquelas que performam maior feminilidade, mas preferem certa descrição. O contato com sete *drag(s)* na festa theBoche possibilitou compreender que há uma diversidade de estilos, desde roupas mais frouxas e escuras, a maiôs sensuais rentes ao corpo. É importante observar que, ao se dedicar aos estudos sobre *drag queen*, o estilo deve ser considerado como um dos fatores fundamentais. Contudo, busco uma discussão aqui mais voltada para a interação do corpo *drag* com o público e os espaços de sociabilidade, em específico no Donna C.

É necessário ressaltar que, apesar da descrição feita, em momento inesperado, a *deejay* Juny Salen deixa seu posto próximo ao computador e à produção de músicas e direciona-se ao palco de madeira ao lado para uma performance.

Abaixo Juny Salen narra como prepara uma performance:

Existe toda uma preparação antes, a gente sempre pensa no que vai vestir, no que vai usar, na maquiagem, no cabelo, é.... Faz pesquisas pela internet, assiste vídeos, ensaia em casa, principalmente quando tem *performance*. Já tem um tempo que eu não faço uma *performance* específica, tipo: ah, hoje eu vou performar, então eu vou ensaiar e tal. Faz um bom tempo, mas, quando acontece de eu performar, é uma coisa mesmo espontânea, mesmo de mim, sai na hora. (...) Quando o assunto é uma parte que a gente põe em prática a espontaneidade, é quando a gente não ensaia nada antes, sabe? Porque existe uma coisa que é muito comum na arte *Drag Queen* que é *lipsync* que são *performances* onde a gente dubla canções e dança, tudo espontâneo, sem ensaiar. (Juny Salen entrevistada em 2019).

A citação do termo *lipsync*, apresentado pela interlocutora, refere-se tanto ao momento de performance e dublagem de músicas, como também à espontaneidade⁴², como ela observa em sua narrativa. O momento no qual a *drag queen* inicia sua performance durante seu show, de fato, assemelha-se com a sensação das pessoas que estavam no espaço. Em momento inesperado, dublando uma canção que estava em sua *setlist*, ela se direciona ao pequeno palco de madeira ao lado e performa⁴³. Em meio à pouca luz e aos focos de luzes coloridas, as pessoas interrompem seus momentos de conversa, a própria dança, para prestigiar a *performance* imprevista.

⁴² Espontaneidade aqui refere-se à decisão de, em determinados *shows*, performar *lipsync* sem haver ensaio prévio ou algum modo de preparação.

⁴³ A ação da performance como categoria antropológica define-se em um momento de ligação singular entre os(as) performers e aqueles(as) para os quais a *performance* existe, compreendendo esta de forma semelhante à estrutura do drama social. Em suma, a proposta recai em direcionar o foco primeiramente para o que se compartilha culturalmente. (SCHECHNER, 2011)

Imagem n° 11 – Performance da *deejay* Juny Salen



Foto: Samuel Mariano de Vasconcelos; Edição: Bruna Araújo.

Compreendendo a corporeidade, entende-se que a *drag* é em si performada, assim, o que constrói o corpo *drag* é a constante performance (VECANTO, 2002). Juny Salen elucida estas questões ao narrar que pensa nos detalhes antes dos *shows*, desde maquiagem, vestimenta até acessórios, a reciprocidade de carinho e atenção com o público, a preocupação em estar nas fotos. Tudo se refere ao corpo pensado e performático. E não há nenhuma proximidade com a superficialidade ou falsidade. A interação existe de forma respeitosa e, sobretudo, de admiração. O momento de *lipsync* é o ápice do *show*, os jovens respondem por meio de gritos, palavras positivas e aplausos. Todos voltam-se para o momento. Contudo, é importante ressaltar que todos os gestos, sorrisos, estilo são fatores da performance.

Os perfis nas redes sociais alimentam a performance *drag*, deixando de ser um momento no palco para estar presente também no ciberespaço. As *drags* que produzem performances constantemente e são produto delas não findam ao término do show. Estão, sempre que possível, alimentando seu público e suas relações por meio da rede social Instagram. O que acontece nos momentos de *shows* no bar é requerido a qualquer hora *online*, por meio de fotos, agenda de *shows*, conversas privadas, curtidas e comentários. Para além do momento, as *drags* continuam suas performances e em contato com o público *online* por meio das redes sociais.

Acredito que o leitor se questione do porquê eu, de modo geral, identificar diversas *drags* como *deejays*, porém, não tenho o propósito de generalizar, afirmando que a atuação *drag* no interior do Ceará refere-se somente a essa profissão. Contudo, é necessário observar que a percepção acerca do que é ser *drag queen* no sertão cearense tem suas particularidades se compararmos com estudos a respeito de grandes cidades brasileiras. O movimento relativamente recente de *drags* na cidade de Sobral, no ano de 2017, elucida que o modo como as cidades interioranas e sertanejas vivenciam a diversidade se dá em outro ritmo. Em momentos de interação com essas interlocutoras, foi-me dito que é difícil “começar” é difícil “até” para aquelas que estão com anos de atuação.

Sobral é percebida como referência, mas há permeados, em todo o processo, os obstáculos que a cidade menor, se comparada as grandes capitais, diferenciam e afetam a atuação delas. Lida-se fortemente com a moralidade, com a dificuldade com outros espaços de atuação, com outras oportunidades para além do bar. Especificamente, no contexto sobralense, expor o cotidiano dos bares *gays* sem considerar a atuação *drag* seria uma falha interpretativa, ao mesmo tempo que pensar especificamente a *drag queen*, sem discutir sua forte relação com o espaço do bar, levaria ao mesmo erro.

4.5 Exposição fotográfica festa tÔLoukah

















5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa transitou pelas narrativas de jovens homossexuais compreendendo a vivência da homossexualidade a partir das andanças pela cidade, em espaços específicos de sociabilidade *gay*. As narrativas de *drag queens* elucidam sobre suas relações com os lugares pesquisados, especificamente, no espaço do bar e a forte relação entre público-artista.

Buscou-se direcionar o olhar para Sobral, cidade interiorana localizada na região Norte do Estado do Ceará, entendendo-a como cidade referência para a região. Lidou-se com uma cidade que, além do poder público local, que se propõe a desenvolver ideia de cidade “moderna”, esta se fortaleceu como cidade “polo” para jovens que direcionam a ela uma visão de cidade grande repleta de serviços e oportunidades. Esta referência é manifestada não apenas por aqueles oriundos de outras cidades, mas também se apresenta pelos sobralenses em suas narrativas.

Apreendeu-se que a cidade de Sobral se construiu como espaço em que novas relações se estabelecem por meio da associação entre sujeitos com forte influência das cidades que a circundam. Essa influência se dá por meio da alta demanda de estudantes universitários que estabeleceram significados e experiências nesse novo espaço, mantendo ainda ligação com suas cidades natais.

Percebeu-se, ainda, que a influência do contato com esses municípios permeia a produção de festas voltadas para o público mais diverso, observando que esta influência ultrapassa o sentido pessoal de cada jovem com sua cidade natal e chega à organização dos eventos, encontros e das demais formas de sociabilidade *gay* na cidade.

Entendeu-se que os espaços trabalhados nesta pesquisa nascem em meio ao conflito inicial de uma cidade que, apesar de compreendida como referência e produtora de maior liberdade para aqueles que vivenciam cotidianamente a heteronormatividade, constrói espaços específicos para a vivência da homossexualidade. Assim, a ocupação de espaços públicos como Arco do Triunfo, é experienciada por esses jovens a partir de horários noturnos, tornando-se comum o termo “depois das dez”. Essa expressão se torna sinônimo para referir-se à maior liberdade no Arco. Desta forma, à medida que o Arco é entendido como parte do circuito homossexual, entende-se que transitar por esse espaço requer condições pautadas em horários noturnos específicos.

Vivenciar o afeto e desejo se constrói de forma semelhante no espaço público da Margem Esquerda do Rio Acaraú, especificamente, no evento “vinholada”. Entendeu-se que a festa, no seu início pensada e direcionada para o público LGBTT, passa por um processo de conflitos conforme começa a ser ocupada também pelo público heterossexual, à medida que, para parte dos interlocutores, eram incômodas as mudanças em elementos importantes para o público mais diverso, expressos na músicas e em diversos estilos ali presentes.

Com o propósito de compreender como era vivenciado pelos jovens o entorno do Arco do Triunfo e de que modo os bares voltados para o público *gay* elucidavam acerca da experiência urbana da homossexualidade, elaborou-se a segunda parte desta pesquisa.

A importância do bar para pensar o circuito *gay* na cidade de Sobral se dá de maneira acentuadamente forte. Pensar a homossexualidade a partir da vivência na cidade perpassa o espaço do bar. Entendeu-se essa condição à medida que, no período de campo, os bares que não se encontravam em funcionamento estavam presentes nas narrativas como referências sobre a experiência plural na cidade.

Os bares Bar da Kal e Spettus (também conhecido como sapatos) permaneceram nas narrativas e memórias dos interlocutores como importantes em diversos momentos da experiência na noite *gay*. Apesar de o bar Spettus causar diversos conflitos com seus frequentadores pouco antes do seu fechamento, o bar tornou-se, ao longo dos anos de funcionamento, referência na cidade e, até os dias atuais, está presente nas narrativas daqueles(as) que vivenciaram o momento em que o Spettus era o principal bar *gay* da cidade.

O conflito no Spettus devido à mudança de público através de alterações na estrutura física elucidada que o circuito é instável e que a homofobia está presente nos lugares que anteriormente buscavam direcionamento para a diversidade sexual.

O circuito, desta forma, redireciona-se para outro bar: o público homossexual “adota” o Donna C e muda seus percursos noturnos na cidade. Assim, a referência como novo bar *gay* na cidade é consequência de uma redefinição do circuito devido a conflitos.

Categorias foram elaboradas para compreender os sentidos de conflito aqui trabalhados: 1º) “Conflito inicial” que se refere à ocupação dos públicos por meio de horários noturnos; 2º) Conflitos com estabelecimentos comerciais situados no entorno do Arco do Triunfo; 3º) Conflitos nos próprios espaços de sociabilidade *gay*.

Nesse contexto, as *drags queens* aparecem como produtoras e consumidoras de espaços de sociabilidade *gay*, especificamente no espaço dos bares, durante um período no Spettus e, atualmente, no Donna C bar. Entendeu-se que, no contexto sobralense, as narrativas e performances de *drag queens* estão fortemente conectadas com o espaço do bar na atuação como *deejays*. Compreendeu-se que expor o cotidiano dos bares *gays* é direcionar o olhar para a arte *Drag*, tendo em vista a relação de admiração público-artista e com o próprio espaço do bar.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas-SP. Papirus, 1994.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- DEBERT, Guita. *Problemas relativos à utilização da história de vida e da história oral*. In: CARDOSO, Ruth (Org). *A aventura antropológica*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes do fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Lisboa, São Paulo: Perspectiva S.A, 1976.
- DUARTE, Luís Fernando Dias. O sacrário original. Pessoa, família e religiosidade. *Religião & sociedade*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, 2006.
- FERREIRA, Diocleide L. Espaços de lazer em Sobral-Ceará, o “cid marketing” e uma proposta de (re)invenção da cidade. In: JÚNIOR, Martha M.; FREITAS, Nilson A.; HOLANDA, Virgínia C. C. De. (Org). *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e Região em foco*. Sobral: UECE/UVA, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*, (Trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo*. 2010. 301p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas-SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280486>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- FREITAG-ROUANET, Barbara. A cidade como espaço cultural. *Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 29-46, mai. 2000. ISSN 1809-4554. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12318>. Acesso em: 30 nov. 2019.

FREITAS, Nilson A. *Ação, efeito e manobras: o “artefato primoroso” da monumentalização de Sobral e seus usos no campo político*. In: FREITAS JÚNIOR, Martha M.; HOLANDA, Nilson A. (Orgs.). *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e Região em foco*. Sobral: UECE/UVA, 2010.

FREITAS, Nilson A. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

FRY, Peter. *Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*. In: Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GADELHA, José Juliano Barbosa. *Masculinos em mutação: A performance drag queen em Fortaleza*. Dissertação de mestrado. Fortaleza, 2009.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1977.

HANNERZ, Ulf. *Explorando a cidade em busca de uma antropologia urbana*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOFES, Suely. *Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites*. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 3, 1994.

MAGNANI, J. Guilherme. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos*. *Tempo soc.*, v. 17, n. 2, 2005, p. 173-205.

MISKOLCI, Richard. *Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre a teoria queer*. *Revista Florestan Fernandes*, Dossiê teoria Queer, v. 1, n. 2, 2014.

PARK, R. E. *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: VELHO, Gilberto (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 26-67.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARREIRAS, Carolina. *Não leve o virtual tão a sério – uma breve reflexão sobre métodos e convenções na realização de uma etnografia do e no on-line*. In: FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo; DULLEY, Iracema (Orgs.). *Etnografia, etnografias. Ensaio sobre a diversidade do fazer antropológico*. São Paulo: Annablume, 2011.

RUBIN, Gayle. *Pensando sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. London: Univ. Press, 2011.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

SAHLINS, Marshall. *O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção*. Rio de Janeiro: Maná, 1997.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANCHES, M. Carmo C.; MARTINS, Humberto. *Traços noturnos – percursos juvenis na noite do Bairro Alto*. In: PAIS, Jose Machado (Org.). *Traços e riscos de vida. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Porto: Ambar, 2005.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *A epistemologia do armário*. Campinas: Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007.

SCHECHNER, Richard. *Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral*. Trad. Ana Leticia de Fiori. Cadernos de campo: São Paulo. N°20 2011.

SILVA, Daniele Costa da. *Entre copos, conversas e canções: Um estilo “boêmio” de viver a cidade*. Tese de doutorado. Fortaleza, 2012.

SÍMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito*. Rio de Janeiro: Mana, 2005.

SÍMMEL, Georg. *Sociologia*. FILHO, Evaristo de Moraes (Org.). Tradução de Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983.

TOTA, Martinho. *Identidades fragmentadas: cultura e sociabilidades homoeróticas em Campina Grande-PB*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, 2006.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, 2008 [1974].

TURNER, Victor. *Simbolismo Ritual, Moralidade e Estrutura Social entre os Ndembu*. In: Floresta de símbolos. Niterói: EdUFF, 2005 [1967], pp. 49-82

VECANTO, Ana Paula. *“Fervendo com as drags”*: corporalidades e performances de *drag queens* em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. Dissertação de mestrado. Ilha de Santa Catarina, 2002.


VELHO, Gilberto. *O desafio da proximidade*. In: Pesquisas Urbanas. Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WIRTH, Louis. *O urbanismo como modo de vida*. In: VELHO, Gilberto (Org.). *O fenômeno urbano. Guanabara*, Rio de Janeiro, 1987 [1916], p. 90-114.

ANEXOS

donnabar
Donna C Bar



AFETIVADA
VINHOLADA
*CAIPIVINHO R\$2,99 ATÉ 1H

**QUINTA
ALTERNATIVA**

**03/10
QUI**




**CRIPIRONA
R\$14,99 ATÉ
FIM DE HORAS**

DJ JUNY SALEM


The poster features a vibrant color palette of magenta, orange, and yellow. The background is divided into curved sections. At the bottom, there are decorative patterns of purple dots on a yellow background.





BAILE DAS DIVAS

COM LEO RUGIERI & NETINHO DJ

 CAIÇARA
R\$13,99 ATÉ
MEIA NOITE

QUIN
26.09